



**UNICESUMAR - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
MARINGÁ**  
PROGRAMA DE MESTRADO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE

**EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE NA ESCOLA: AS ORIENTADORAS  
EDUCACIONAIS E A FORMAÇÃO CONTINUADA INTERDISCIPLINAR**

ACADÊMICA: ADRIANA DE OLIVEIRA CHAVES PALMIERI  
ORIENTADORA: Profa. Dra. ANA PAULA MACHADO VELHO  
CO-ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ELIANE ROSE MAIO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**MARINGÁ  
2013**



**UNICESUMAR – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
MARINGÁ**  
PROGRAMA DE MESTRADO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE

**EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE NA ESCOLA: AS ORIENTADORAS  
EDUCACIONAIS E A FORMAÇÃO CONTINUADA INTERDISCIPLINAR**

Dissertação de mestrado apresentada ao centro Universitário de Maringá (CESUMAR), como requisito à obtenção do título de Mestre em Promoção da Saúde.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Machado Velho.

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Rose Maio.

**MARINGÁ  
2013**

Palmieri, Adriana de Oliveira Chaves.

Sexualidade na Escola: as orientadoras educacionais e a formação continuada  
Maringá, 2013.  
76 f.

Dissertação (Mestrado)- UniCesumar – Centro Universitário de Maringá.  
Área de concentração: Educação e Tecnologias na Promoção da Saúde.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Machado Velho.

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Rose Maio.

1. Educação Sexual; 2. Interdisciplinaridade; 3. Educação Infantil; 4. Ambiente Escolar.

## DEDICATÓRIA

Primeiramente a **Deus** por sempre estar ao meu lado e me fazer compreender que para tudo existe um tempo certo;

Aos meus pais, **José e Terezinha**, exemplos de força e dedicação, bases da minha educação, tesouros da minha vida;

Aos meus irmãos, em especial, **Thaís e Lays**, pelo apoio e carinho oferecidos nesse momento em especial;

Ao meu amor, **Emerson Eduardo Palmieri**, pelo companheirismo e compreensão e por me ensinar que o importante é fazer tudo valer a pena;

Ao meu filho, **Vinícius Eduardo Oliveira Palmieri**, razão do meu viver, meu tudo, minha vida;

Aos meus **amigos** por fazerem parte da minha história, compartilhando os momentos bons e ruins e por entenderem meus momentos de ausência.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, de maneira muito especial, à minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Machado Velho, pela dedicação, apoio, respeito e, acima de tudo, por mergulhar junto comigo no universo referente a essa temática tão complexa que é a sexualidade no ambiente escolar.

Agradeço, também, à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Rose Maio por incitar conhecer mais sobre algo tão importante na nossa vida, a sexualidade. Obrigada pelas sugestões de leituras, orientações e reflexões sobre essa temática, elas com certeza serão imprescindíveis para as capacitações interdisciplinares de orientadores e profissionais da Rede Municipal de Ensino.

Agradeço, de forma especial, também, à Coordenação do Programa de Mestrado em Promoção da Saúde e aos professores, do Centro Universitário Cesumar – UniCesumar, na pessoa da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Cristina Vermelho, pela dedicação, empenho e disposição em sempre nos estimular em ir além, a mostrar que “sempre podemos mais”. O meu muito obrigada!

Aos meus sogros que são pessoas que sempre me apoiaram e estiveram do meu lado para “o que der e vier”, obrigada pela coragem e força, por serem tão especiais e por ajudarem a concretizar mais essa etapa em minha vida!

Aos meus queridos pais, José e Terezinha. Mas, o que escrever em tão poucas linhas sobre o que significam para mim? Quero apenas deixar registrado que vocês são o melhor da minha vida. Mãe, meu exemplo, apoio incondicional ao longo deste processo de dissertação e de muitos outros caminhos percorridos em minha vida. Obrigada por acreditar em mim, mesmo quando eu não acreditava. Você é minha fortaleza. Pai, meu suporte. Obrigada por tudo que você me deu e me ensinou. Obrigada pela sua generosidade e simplicidade. Pelo amor incondicional, pelo carinho e afeto. Não encontro palavras que consigam expressar meu carinho por vocês. Simplesmente fico completamente envolvida por um enorme sentimento: gratidão. Muito obrigada.

Ao meu esposo Emerson Eduardo Palmieri, é, amor, que loucura! São 17 anos de cumplicidade, de respeito, de lutas, de muito ouvir e dedicação, não apenas pelo matrimônio, mas também para com os estudos. Marido que sempre me incentivou e sabe que esse não é o fim, mas o início de uma nova etapa em minha vida! Obrigada por ser tão especial em minha vida! Amo-te demais!

Meu filho, deixei você por último porque sempre deixo o melhor para o final, e você é a minha vida, Vinícius Eduardo Oliveira Palmieri, desde o ventre materno estudando com a mamãe. Saiba filho que te amo muito e você é a razão de todas as minhas buscas, é por você que quero crescer e dedicar tudo o que faço em minha vida. Obrigada por ser minha inspiração. Que Deus abençoe os seus caminhos.

*A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam.  
E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa.  
Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: Não há mais o que ver  
Saiba que não era assim.  
O fim de uma viagem é apenas o começo de outra.  
É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que vira no verão, ver de  
dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a  
pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava.  
É preciso voltar os passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles.  
É preciso recomeçar a viagem. Sempre.*

*José Saramago*

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I</b> .....	13
1.2 Justificativa .....	15
1.3 Gênero e cultura .....	16
1.4 A criança e a sexualidade .....	21
1.5 Aspectos da sexualidade inerentes ao contexto escolar .....	23
1.5.1 O profissional da educação e a formação continuada.....	30
1.6 Objetivos.....	30
1.6.1 Objetivo Geral .....	30
1.5.1 Objetivo Específico.....	30
1.7 Percurso Metodológico .....	30
1.7.1 Amostra .....	30
1.7.2 Dados: fonte, coleta e análise .....	31
REFERÊNCIAS.....	31
<b>CAPÍTULO II</b> .....	34
2.1 Apresentação.....	34
2.2 Artigos científicos.....	35
2.2.1 Artigo 1: Sexualidade na escola: reflexões sobre o perfil das orientadoras educacionais dos Centros Municipais de Educação Infantil de Maringá-PR.....	35
2.2.2 Artigo 2 - Formação Continuada e Sexualidade na Escola: impressões das orientadoras .....	48
<b>CAPÍTULO III</b> .....	61
3.1 Conclusão.....	61
3.2 Perspectivas Futuras .....	63
3.3 Apêndices .....	64
3.3.1 Apêndice A .....	64
3.3.2 Apêndice B .....	67

## LISTA DE ABREVIATURAS

AIDS	<i>Acquired Immunodeficiency Syndrome</i>
APMF	Associação de Pais, Mestres e Funcionários
ASI	Abuso Sexual Infantil
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CMEI	Centro de Educação Infantil de Maringá
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
EI	Educação Infantil
LDBN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OMS	Organização Mundial da Saúde
SEDUC	Secretaria de Educação de Maringá
SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEPT	Transtorno do Estresse Pós-Traumático
UEM	Universidade Estadual de Maringá
WHO	<i>World Health Organization</i>

## RESUMO

O presente trabalho é inédito na rede municipal de Maringá, estimulado pela reflexão sobre a sexualidade na escola. O objetivo principal foi compreender o conhecimento das orientadoras educacionais sobre a sexualidade com vista a buscar subsídios para a elaboração de ações de formação continuada interdisciplinar para estas profissionais, que atuam nos Centros Municipais de Educação Infantil de Maringá PR - Brasil (CMEI). Os pressupostos teóricos propõem a discussão de autores/estudiosos sobre conceitos de sexualidade e educação sexual no ambiente escolar. O procedimento que dirige a investigação caracteriza-se por uma reflexão sobre os dados decorrentes de pesquisa bibliográfica confrontando com a pesquisa semiestruturada realizada com 59 orientadoras educacionais, a fim de que se compreendesse o perfil das profissionais que atuam nessa função. Esta sistematização constitui-se em elemento básico para a análise das respostas que indicam o perfil e os conhecimentos dessas profissionais em relação ao tema sexualidade e educação sexual na infância. Nesta pesquisa, os dados coletados permitiram evidenciar que as profissionais orientadoras não têm informação necessária para lidar com as questões da sexualidade na escola, principalmente por causa da formação básica delas. Desta forma, a formação continuada das orientadoras educacionais dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI), de forma interdisciplinar, em relação à sexualidade, pode auxiliar na capacidade das profissionais de reconhecer problemas de sexualidade na escola e lidar, com eles, de forma adequada.

**Palavras-chave:** Educação Sexual; Interdisciplinaridade; Educação Infantil; Ambiente Escolar.

## **ABSTRACT**

This work is unprecedented in municipal Maringa , stimulated by thoughts about sexuality at school. The main objective was to understand the knowledge of educational guidelines about sexuality in order to seek support for the preparation of shares interdisciplinary continuing education for these professionals working in the Municipal Child Education Centers of Maringa PR - Brazil ( CMEI ) . The theoretical assumptions propose the discussion of authors / scholars on concepts of sexuality and sex education in schools. The procedure that conducts research is characterized by a reflection on the data derived from literature confronting a semi-structured survey of 59 educational guidelines in order that they understand the profile of the professionals in this function. This systematization constitutes a basic requirement for the analysis of the responses indicate that the profile and knowledge of these professionals regarding the theme sexuality and sex education in childhood element. In this research , the collected data have highlighted that the guiding professionals do not have the necessary information to deal with issues of sexuality at school, mainly because of their basic training . Thus, the continuing education of educational guidelines of the Municipal Child Education Centers ( CMEI ) , an interdisciplinary way , in relation to sexuality , can aid in the ability of professionals to recognize problems of sexuality in school and deal with them appropriately.

**Keywords :** Sex Education , Interdisciplinary , Early Childhood Education ; School Environment .

# CAPÍTULO I

## 1.1 Introdução

A experiência com o trabalho cotidiano na Secretaria de Educação de Maringá, durante os anos de 2011 e 2012, permitiu observar a necessidade de se ampliar os conhecimentos em relação à sexualidade no espaço escolar, para compreender e minimizar os impasses da formação dos profissionais da educação em relação a essa temática.

Para Moisés e Bueno (2010, p. 206), no aspecto ligado à sexualidade, algumas crianças vivem hoje os impactos do aparecimento da *Acquired Immunodeficiency Syndrome* (AIDS) - [Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA)], que transformou a sociedade do amor livre na do sexo seguro, mas não houve o desenvolvimento de “[...] uma ética educativa para a promoção da saúde”, pois, a mídia estimulam assuntos relacionados à sexualidade a todo o momento.

Parafraseando Lizia Helena Nagel (2009), a televisão possui uma força comunicadora potencializada no mundo atual, sabe-se mais do que o próprio público que a assiste, de seu poder educativo, ou seja, de seu poder de "modelar comportamentos", de "instrumentalizar ações", de tornar hábito o que antes sequer era pensado como possibilidade comportamental.

Fora isso, a responsabilidade da família diminuiu e migrou para a escola a missão de promover a educação sexual das crianças, principalmente no tocante à orientação e educação referente à sexualidade. Não se pode negar que a sexualidade está na escola, “[...] porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se despir” (LOURO, 1997, p.81). Porém, não cabe à escola repreender o sujeito, mas “[...] mudar visões distorcidas ou negadas da sexualidade, sem, substituir a família, pois a criança não chega à escola sem ideias pré-concebidas” (MOISÉS; BUENO, 2010, p. 206).

Entende-se que é preciso que a equipe pedagógica vá além do conhecimento das áreas clássicas do currículo e seja capaz de compreender a dinâmica da vida de cada sujeito inserido no espaço escolar, buscando interpretar os aspectos necessários para alcançar a dinâmica da construção desse sujeito em todo o seu

potencial. Esse processo deve ser interdisciplinar, ressaltando a capacidade crítica do profissional por meio da formação continuada.

Esse tipo de formação é entendido como uma oportunidade de atuação pedagógica, que:

[...] acontece através de cursos, palestras, seminários, encontros, reuniões pedagógicas etc. [...] Essa formação não deve abranger apenas o professor, mas também outros profissionais da educação, como os diretores, orientadores educacionais, supervisores pedagógicos e os administradores escolares. Enfim, todos os sujeitos envolvidos com as questões educativas da escola (BRUNO; ALMEIDA; CHRISTOV, 2003, p. 17).

Nesta pesquisa, feita no município de Maringá-PR, o foco das discussões são as orientadoras educacionais e as descobertas de evidências de violência sexual, recentemente, em algumas crianças que frequentam os Centros de Educação Infantil de Maringá (CMEI). Esses episódios colocaram em xeque a capacidade das profissionais. Nos últimos seis meses do ano de 2012, aconteceram vários casos de violência sexual nos CMEI e a primeira profissional a ser chamada foi à orientadora educacional, que, na maioria das vezes, não demonstrou capacitação suficiente para lidar com os fatos.

A Rede Municipal de Ensino de Maringá possui apenas professores contratados por meio de concurso público. Estes profissionais, licenciados em diversas áreas do conhecimento, são chamados e efetivados, porém estudaram para desenvolver um trabalho com currículo formal, ou seja, mediar conteúdos. Após três anos de experiência na Rede, eles podem assumir outras funções na equipe gestora dos estabelecimentos (supervisão, orientação e, até mesmo, direção) desde que passem por entrevista, demonstrem aperfeiçoamento na função, apresentem currículo e tenham concluído o estágio probatório (Plano de Carreira, Planos e Salários do Magistério Público Municipal de Maringá, Lei Complementar nº 790/2009). As orientadoras educacionais que atuam, hoje, nesta função são professoras que se comprometem com este novo cargo que, por sua vez, requer novas habilidades e informações. Elas precisam compreender os aspectos que estão além dos conteúdos de sala de aula.

Desta forma, esta pesquisa procurou identificar o conhecimento das orientadoras educacionais sobre a sexualidade para propor uma ação que possa

transformar a realidade que envolve a temática nas escolas, com foco na formação continuada.

Conhecendo as situações que surgem dentro do ambiente escolar e à frente da Diretoria de Ensino na Secretaria de Educação de Maringá (Seduc), foi possível à pesquisadora perceber que, para que haja, de fato, a habilitação dessas orientadoras educacionais elas precisam ser capacitadas por meio de conteúdos interdisciplinares, que envolvam os mais diversos aspectos: culturais, médicos, legais e psicológicos. Isso tudo, considerando-se as diversas situações que cercam a área da sexualidade.

## **1.2 Justificativa**

A Secretaria de Educação (Seduc) é a responsável por pensar e estruturar cursos e ações para auxiliar e capacitar os profissionais que estão inseridos nos espaços escolares. Os cursos organizados no decorrer dos anos de 2011 e 2012, por meio de parcerias com a Universidade Estadual de Maringá (UEM) e com faculdades particulares do município, podem ser citados como exemplo. Um dos cursos, inclusive, trabalhado com algumas profissionais, por meio de convite, foi o de formação de orientadores educacionais em relação à sexualidade, promovido pelo Departamento de Fundamentos da Educação, da Universidade Estadual de Maringá, que possibilitou observar e esclarecer as dúvidas das profissionais quanto ao tema apresentado. Além desse, foram ofertados também cursos sobre outros assuntos, tais como: primeiros - socorros, alimentação saudável, afetividade, dificuldades de aprendizagem, entre outros.

O objetivo ao se oferecer cursos interdisciplinares de aperfeiçoamento sempre é o de buscar diálogo com outros setores da sociedade, além de ampliar a discussão dentro do ambiente escolar e garantir a qualidade do trabalho do professor, como é o caso da questão de sexualidade porém, mesmo com essas iniciativas, episódios ocorridos nos Cmeis mostraram que é necessário outras abordagens.

Assim, esta pesquisa se propôs a analisar os aspectos que precisam ser pensados na área na sexualidade, a partir de um levantamento sobre o tema com às

orientadoras educacionais. A ideia é, proporcionar mais segurança às servidoras que atuam na função de orientação educacional, em relação aos diversos aspectos que envolvem os indivíduos, bem como, nessa perspectiva, contribuir para minimizar as dificuldades encontradas nas instituições de ensino, especialmente aquelas ligadas à sexualidade.

É certo que, atualmente, nos casos referentes às situações que envolvem a sexualidade, a orientadora educacional e a equipe pedagógica buscam ampliar as reflexões por meio do diálogo com órgãos como o Conselho Tutelar, o Conselho de Segurança e Promotoria Pública. Assim, as orientadoras educacionais têm a oportunidade de lidar de maneira mais eficiente com os casos que podem se manifestar no ambiente escolar. Porém, é preciso que este relacionamento seja sistemático e efetivo.

### **1.3 Gênero e cultura**

Quando se fala em termos da definição de sexo, na sociedade contemporânea, é necessário voltar no tempo e compreender a Revolução Industrial. No Século XVIII, as máquinas começaram a substituir a produção artesanal pela industrial. Esse maquinário demandava o manuseio por corpos fortes e talhados para os determinados serviços industriais, o que levou o homem a assumir a maior parte das funções. Isso gerou a divisão econômica do trabalho (FURLANI, 2007). Ficou para trás toda a sorte de cuidados necessários à manufatura artesanal e, neste aspecto, a mulher tinha um papel determinante no processo produtivo. Naquele momento, o sistema de produção capitalista criava uma medida mais complexa de conhecimento que é ministrada apenas à camada mais dominadora da sociedade: os homens (WUSTHOF, 1994).

Desse modo, o homem, neste contexto social, teve vantagem sobre a mulher, graças à sua capacidade física. Pode-se citar também como benefício para o homem, na sociedade capitalista, à impossibilidade de gerar outro ser humano por meio da gravidez, passando assim a criar mais possibilidades de trabalho (WUSTHOF, 1994). Ao mesmo tempo, à mulher coube o dever de manter a organização do lar, gerar e cuidar dos filhos (GIDDENS, 1993).

O homem, possui poder na sociedade e este poder inclui determinar os

processos decisivos de socialização e, portanto, o poder de produzir a realidade (GIDDENS, 1993). E as definições tradicionais da realidade inibem a mudança social, isto é, tanto os homens quanto as mulheres se acomodaram nas posições que o sistema capitalista lhes ofereceu.

Com isso, há uma divisão de trabalho na sociedade e, por consequência, também do saber e do conhecimento. Estando o homem privilegiado nesta divisão, tem a possibilidade de dominar o conhecimento, ou seja, a dominação masculina, no primeiro momento, ocorreu em razão de sua estrutura física, mas à medida do desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo, o saber e o conhecimento adquiriram novos espaços e, com eles, novas formas de opressão à mulher foram criadas. Além disso, a possibilidade de dominação masculina nesse aspecto social causa a legitimação de conhecimentos gerais, comuns, produtos sociais que são convenientes aos homens, e não à população feminina.

As instituições sociais, como o Estado, os poderes, os tribunais e os aparatos repressivos, pertinentes aos governos, controlam a conduta dos indivíduos na sociedade e seus padrões de comportamento se formam através da transmissão do conhecimento, ou especificamente de seu direcionamento. Elas também empregam papéis aos indivíduos que provocam identificações, comportamentos estereotipados e, também, conhecimentos específicos a serem apreendidos.

A mulher, por exemplo, assume o papel de profissional no mercado de trabalho com o “compromisso” subentendido de não permitir que sua vida doméstica interfira e vice-versa.

Para Louro (2000), esse conhecimento é transmitido na socialização primária, fazendo com que haja uma predominância definida previamente para a criança do sexo feminino e outra para a criança do sexo masculino. Entende-se a partir deste ponto de vista que feminilidade e masculinidade são construtos sociais.

Por mais que surjam novos conhecimentos a favor da maior participação e valorização da mulher na sociedade, é fundamental que venha acompanhado por uma reflexão crítica que suspenda valores tradicionais e forneça um novo parâmetro a partir do qual a mulher poderá ser vista na sociedade (FURLANI, 2007).

Todas essas questões fizeram surgir áreas de estudo como a Educação em Sexualidade. Arruda *et al.* (2013), Organização das Nações Unidas para a

Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (2010), Carrara (2007) e Cavasin (2010), são autores que discutem este termo e as idéias deles convergem com os objetivos propostos no presente trabalho.

De acordo com a UNESCO (2010, p. 2),

define-se educação em sexualidade como uma abordagem apropriada para a idade e culturalmente relevante ao ensino sobre sexo e relacionamentos, fornecendo informações cientificamente corretas, realistas, e sem pré-julgamento. A educação em sexualidade fornece oportunidades para explorar os próprios valores e atitudes e para desenvolver habilidades de tomada de decisão, comunicação e redução de riscos em relação a muitos aspectos da sexualidade.

A relevância da aprendizagem em sexualidade é observada por estudiosos do mundo inteiro, há demanda pela inclusão de assuntos nas fases de alfabetização e de letramento nos anos iniciais do ensino formal (GIDDENS, 1993). Apesar da convergência de opiniões e da incorporação delas pelas propostas curriculares e planejamentos escolares, a criança ainda sai da escola com informações científicas insuficientes para compreender o mundo que a cerca (GIDDENS, 1993).

Braga (2008, p. 152) acrescenta que:

Há muito que se fazer ainda nessa área. Enquanto encontrarmos deboches, críticas não pertinentes, expressões vulgares, discriminação, preconceitos, sinônimos etc., principalmente no ambiente das escolas, mais se justificam projetos adequados de Orientação Sexual escolar visando a diversos aspectos, entre os quais: reflexão sobre a educação sexual atualmente existente, considerando cada pessoa em sua singularidade e inserção cultural; fornecimento de informações e organização de espaços para reflexões e questionamentos sobre sexualidade; esclarecimento sobre os mecanismos sociais de repressão sexual a que estamos condicionados; ajuda às pessoas, para que possam obter uma visão mais positiva da sexualidade; ênfase ao aspecto social e cultural, a partir do coletivo, sem perder de vista o indivíduo, mas não tendo caráter de aconselhamento psicoterápico individual, isolado de um contexto histórico.

É evidente que, a partir de estudos e pesquisas em desenvolvimento e até mesmo por conta das alterações constantes que vêm ocorrendo na sociedade, o quadro abordado em relação à sexualidade na formação do professor precisa ser alterado.

É fundamental que a equipe pedagógica das instituições de ensino compreenda a dinâmica de cada sujeito inserido no espaço escolar, capacitando-os para compreender e interagir com o mundo que o cerca.

uma educação em sexualidade efetiva é importante, devido ao impacto de valores culturais e crenças religiosas sobre todos os indivíduos, e especialmente jovens, tanto para sua compreensão do assunto quanto para administrar relações com seus pais, professores, outros adultos e suas comunidades. (UNESCO, 2010, p. 2)

É necessário, então, desenvolver um ensino de qualidade, que tenha como foco a aprendizagem em educação em sexualidade, além de informações, experiências e habilidades que são inerentes a essa disciplina.

Além disso, é preciso possibilitar a vivência de momentos de investigação, de modo a desenvolver as habilidades de observação, reflexão, criação, discriminação de valor, julgamento, comunicação, convívio, cooperação, decisão, ações compreendidas como sendo objetivos do processo educativo, especialmente em sexualidade.

Estas habilidades são instrumentos de suma relevância para a vida do aluno, pois, em diversas situações de existência delas, estarão presentes e é no nível elementar que podem ser iniciadas, permitindo-lhe discutir e analisar o conhecimento que está sendo construído (GIDDENS, 1993). A aprendizagem em sexualidade, enfim, nos primeiros anos, necessita propiciar a cada um dos cidadãos as informações e oportunidades para o desenvolvimento da capacidade necessária para se orientarem em uma sociedade tão complexa, compreendendo o que se passa à sua volta, tomando posição e intervindo na sua realidade com a ajuda interdisciplinar de outras ciências e competências.

Desse modo, os sujeitos demandam o recebimento de uma formação básica em educação para sexualidade para se desenvolver culturalmente, já que o "*corpus*" da informação da sexualidade é parte constituinte da cultura elaborativa (FOUCAULT, 1998).

Além disso, é no panorama dos primeiros anos que a criança realiza a construção de suas ideias e aprende de maneira mais significativa sobre o ambiente que a permeia, por meio da apropriação e da compreensão dos sentidos demonstrados diante da aprendizagem em educação sexual.

Giddens (1993, p.21) apresenta três argumentos para introduzir temas relativos à sexualidade na escolarização elementar:

- a) As crianças constroem ideias sobre o mundo que as rodeia, independentemente de estar estudando ou não Sexualidade na escola. As

ideias por elas desenvolvidas não apresentam um enfoque científico de exploração do mundo e, podem, inclusive, obstaculizar a aprendizagem em Sexualidade nos graus subsequentes de sua escolarização. Assim, se os assuntos de Sexualidade não forem ensinados às crianças, a escola estará contribuindo para que elas fiquem apenas com seus próprios pensamentos sobre os mesmos, dificultando a troca de pontos de vista com outras pessoas.

b) A construção de conceitos e o desenvolvimento do conhecimento não são independentes do desenvolvimento de habilidades intelectuais. Portanto, é difícil ensinar um “enfoque científico”, se não são fornecidas às crianças melhores oportunidades para conseguir tratar (processar) as informações obtidas.

c) Se as crianças, na escola, não entrarem em contato com a experiência sistemática da atividade científica, desenvolverão posturas ditadas por outras esferas sociais, que podem repercutir por toda a sua vida.

Os três argumentos enfatizam, assim, o envolvimento das crianças com o meio. O conhecimento científico deve ser construído a partir de tal envolvimento, no intuito de processar com mais precisão o foco científico e, no instante em que tal fato não acontece, poderá repercutir em toda a vida da criança, causando lacunas que podem ser prejudiciais.

Contudo, para Foucault, (1997, p.27)

cumprir falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se.

A educação para a sexualidade necessita ser compreendida como um item agregador da cultura e os conhecimentos científicos e tecnológicos desenvolvem-se em grande nível em termos sociais, como resultado do trabalho do humano e dos seus esforços criadores, e não de um momento de mágica, no qual os criam, a partir do nada, teorias e leis (FOUCAULT, 1998).

As questões pertinentes à sexualidade não deveriam ser desenvolvidas como um elemento independente do todo social, tendo em vista que podem auxiliar o cidadão na compreensão das múltiplas questões de tolerância, preconceitos e desinformação que enfrentamos cotidianamente e que trazem o envolvimento de elementos da sexualidade na escola.

#### **1.4 A criança e a Sexualidade**

Ao longo do tempo, conforme publicado no livro *História social da criança e da família* (ARIÈS, 1981), o conceito de infância sempre esteve atrelado a parâmetros ideológicos, marcando a relação ora com a comunidade, com o Estado, com a Família, ora dos pais com a criança, dentro do contexto cultural que marcou cada época. Ariès utiliza a denominação “sentimento da infância” para situar a distinção entre a criança e o adulto que emerge, especialmente, na sociedade renascentista dos séculos XVI e XVII. Se, durante a Idade Média, o papel socializador e de aprendizagem dos menores competia à comunidade, no Renascimento emerge a diferenciação entre o espaço privado e o público, passando a criança a receber atenção particularizada no grupo familiar, já havendo, interesse psicológico e moral em sua formação. Mas é na Idade Moderna que se inicia uma preocupação com a criança enquanto futuro cidadão na sociedade.

Conforme se lê em Ariès (1981), antes da Idade Média, inexistia um sentimento afetivo ou moral relacionado à criança. E, com a Idade Moderna – Revolução Francesa e Industrial no século XVIII – a preocupação com a educação e a moral ocupa seu lugar tanto na Família quanto no Estado, como também nas escolas que trabalhavam com a educação infantil. Assim, apresentou-se uma demanda tanto social como industrial no que diz respeito ao preparo e à educação para a criança como um ulterior trabalhador, por conseguinte, consumidor das “coisas” que viessem a satisfazer seus desejos.

O Iluminismo do século XVIII é o contexto no qual a psicanálise é criada por Freud. Trata-se de um momento histórico em que o sentimento está em posição central à visão de homem, capaz de influenciar a concepção de educação às crianças, que seriam desprovidas de sexualidade; ainda na condição de *infans*. É nesse momento que Freud – destacado das concepções ora vigentes – pensa a criança de uma forma diferente, inclusive do campo pedagógico e laboral, cujas ideias em vigor respaldavam uma natureza infantil passível de ser moldada. Ele verificou que a realidade psíquica, prevalente sobre a realidade fática, expõe o *modus operandi* do infantil em contraponto às concepções moralizantes acerca da atividade sexual das crianças. Nesse sentido, Freud concebe e apresenta à sociedade da época uma nova criança, cujo conceito de infância deixa de ser visto sob a perspectiva do registro genético e cronológico e passa a ser abordado pela lógica do inconsciente (COSTA, 2008, p.11 e 14).

No mundo contemporâneo, especificamente o ocidental, a criança e a infância estão submetidas à sociedade capitalista, que se inaugurou ainda no século XVIII, cujos contornos atuais reportam as novas formas – virtuais e globais – tanto de exigência da mão-de-obra quanto de produção e acesso aos bens e serviços diretamente imbricados na dinâmica familiar; sua estruturação e o lugar da criança nas novas formas de convívio e redes de cuidado, a qual ainda na condição de *infans* já passa do convívio familiar às creches, escolas e outros lugares, submetidas a um universo de experiências de linguagem para além do convívio familiar.

No século XXI, as crianças ainda são influenciadas pela esfera da virtualidade derivada da Revolução Informacional que deixa seu imperativo na relação do indivíduo consigo mesmo marcando o investimento que faz em sua vida psíquica, por consequência. E a criança se encontra numa situação de obtenção de satisfação imediata de seus anseios materiais, que se sobrepõem às carências afetivas. Situação que passa a fazer parte da dinâmica de convívio parental, diante dos apelos da esfera social e da ordem capitalista que se interpõem na relação pais-filhos.

Por outro lado, a concepção freudiana de pessoa articula duas ordens distintas, conforme aponta Garcia-Roza (2007): a do Consciente e a do Inconsciente, que reportam ao sujeito clivado. O Inconsciente é tido como irredutível, não por uma irracionalidade, mas por operação da lógica do desejo que o dinamiza. Este homem/mulher a quem se refere o autor da psicanálise é aquele singular, submetido à pulsão sexual, e estruturado como um sujeito de desejo.

Desta forma, a sexualidade é um tema que aparece ‘transversalizado’ na cultura, permeando-a de diversas maneiras, como também, por consequência, a vida dos estudantes. Pode-se perceber isso na forma como os alunos se comportam, na forma como eles se relacionam entre si e também nas falas, uma vez que, em todos esses aspectos, a sexualidade é um tema que aparece de forma urgente.

Um aspecto importante que se deve levar em consideração é o conflito entre pais e educadores, decorrente das falhas na educação familiar, colocando na instituição escolar crianças com dificuldades de “aprendizado” e “comportamentais”, muitas vezes, decorrentes de um sintoma na família.

As descobertas acerca da sexualidade na escola impõem a compreensão dinâmica dos distúrbios infantis pela análise das dificuldades encadeadas que remontam às carências, na estruturação edipiana, não dos pais, mas dos avós, e, às vezes, das bisavós. Não se trata de hereditariedade, mas de uma neurose familiar. Trata-se de imaturidade libidinal nas resoluções edipianas não realizadas (MANONNI, 2004, p. 25).

Sem a intenção de desviar do eixo principal deste trabalho, deixa-se uma reflexão a ser retomada em momento ulterior sobre o modo como a lei é inscrita para a criança da sociedade contemporânea, principalmente quanto ao que o ambiente mostra de nossa cultura ocidental. Assim, traz-se a consideração e o alerta que Birman (2005) faz sobre a atualidade. Para este psicanalista, atualmente têm-se formado subjetividades bastante centradas na exterioridade, que levam, muitas vezes, a configurações psicopatológicas como depressões, síndromes do pânico, bipolaridade, fobias, dependência química entre outras formas de neurose de adaptação que chegam à escola.

Birman (2005) aponta, também, que os destinos do desejo têm passado tanto pelo exibicionismo quanto pelo autocentramento, passíveis de um esvaziamento da perspectiva intersubjetiva, com o desinvestimento das trocas inter-humanas, uma vez que o sujeito não consegue se descentrar de si mesmo, por não reconhecer o outro na diferença e singularidade e permanecer num registro especular, servindo-lhe o outro apenas para incrementar sua autoimagem (BIRMAN, 2005).

E permanece a indagação acerca de uma sexualidade possível com crianças sob a ótica da exterioridade de uma sociedade como a ocidental, em que o apelo social e capitalista se interpõe aos pais e demais cuidadores. Além disso, perpassa famílias, instituições escolares e outras instâncias sociais que acolhem os menores, muitas vezes, servindo-lhes de grande Outro, mesmo que de forma itinerante (casas de passagem). Trata-se de lidar com crianças incertas na sociedade do mundo virtual, cuja passagem pelo Édipo, a castração e a subjetividade estão cerceados por desejos “plenamente” satisfeitos e vazios “integralmente” preenchidos com “coisas”, por vezes, sem sentido afetivo. E a escola tem que lidar com esses conflitos.

### ***1.5 Aspectos da sexualidade inerentes ao contexto escolar***

Já se sabe que o processo cultural é o fator predominante no que se refere à

sexualidade, uma vez que o desenvolvimento do ser humano é evidentemente carregado de tradições e regras impostas pela sociedade desde muito cedo. Ainda hoje se pode observar, nos mais diversos grupos sociais, os cuidados diferenciados entre meninos e meninas, como nos ambientes escolares, por meio da convivência entre crianças, adolescentes e jovens. Portanto, é fundamental que o ensino seja focado na plena construção do ser humano como cidadão, sabendo que existem, sim, as diferenças entre os gêneros, do ponto de vista biológico e cultural, mas que devem ser superadas pela sociedade atual. É dever da escola também a construção ou modelação desse novo cenário sociocultural.

É importante que as crianças possam compreender, nos espaços nos quais são educadas, as diferenças sexuais ao longo do tempo.

[...] há diferenças sexuais construídas histórica e socialmente, no entanto as diferenças sexuais, também, são evocadas pelas características materiais dos corpos, ou seja, a criança é levada a se descobrir menino ou menina através desse paradigma. Além desta máxima, não se sugere a necessária problematização e discussão acerca da gênese e constituição do gênero, e sim o 'combate' as discriminações e o questionamento de estereótipos associados ao gênero', condicionados ao surgimento de situações-problema que exijam o tratamento dessa temática (BRASIL, 2000, p. 145).

Um dos aspectos fundamentais neste processo é o que conduz à exploração dos corpos. Essa ação de conhecer-se deve ser trabalhada, sim, com práticas que levem o educando a descobrir-se e a relatar situações que estão ou venham a acontecer com o seu corpo, não apenas no convívio do ambiente escolar, como também na família.

Porém, é muito difícil saber como proporcionar ou reconhecer as questões evidenciadas sobre sexualidade no espaço escolar (FOUCAULT, 1998). Até porque os profissionais da educação são formados para trabalhar com os conteúdos de História, Língua Portuguesa, Ciências, Geografia e Matemática; ou seja, a sexualidade não está presente na grade curricular nem na formação inicial do professor, na maioria dos casos.

É preciso que esses profissionais incluam nos seus discursos o porquê da diferenciação de papéis sociais exercidos por homens e mulheres. Além disso, veja de forma crítica a mudança das atribuições das mulheres na sociedade a partir do momento em que são representadas como mães, amantes, esposas e com o

acréscimo das obrigações profissionais; colocando em xeque o papel de provedor, responsáveis e arrimos de família. É fato que, apesar da inclusão no mercado de trabalho, há uma representação feminina, ainda presente, ligada ao amor, à fragilidade, à beleza e à maternidade, que entra em conflito com a representação masculina ligada ao poder e à força, tida como ideal para ingresso no ambiente profissional (FOUCAULT, 1998). E mais: é preciso que os educandos entendam que este aspecto é fundamental para definir questões sexuais, de caráter fisiológico, que extrapolam as forças da cultura, mas são condicionadas pela subjetividade dos sujeitos.

### ***1.5.1 O profissional da educação e a formação continuada***

Em contraposição aos modelos tradicionais de professor, relatados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), hoje, a dinâmica do ambiente escolar exige que os profissionais sejam corresponsáveis pela qualidade cognitiva e psicológica do educando, até a educação sexual.

Procurando, de um lado respeitar as diversidades regionais, culturais, políticas, existentes no país e de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania (PCN, 1998, p. 5).

Maio (2011, p. 143) apresenta que:

O debate sobre a sexualidade no espaço escolar se faz necessário, urgente; isto é, dependendo dos significados que se têm para esse discurso. Que não seja desvinculado de seus aspectos culturais, sociais, históricos e pedagógicos!

As questões de sexualidade não deveriam ser desenvolvidas como um elemento independente do todo social. Elas podem auxiliar o cidadão na compreensão das múltiplas questões de tolerância, preconceitos e desinformação que todos enfrentamos cotidianamente e que trazem o envolvimento de elementos da sexualidade na escola.

Dessa maneira, podemos distinguir a formação do professor em duas etapas: a inicial, cujo papel, na concepção de Santos (2008, p. 17), “[...] é fornecer as bases

para a construção de um pensamento pedagógico especializado”; e a continuada, compreendendo a formação partindo-se da confluência entre o professor, seus saberes e o seu trabalho.

O profissional que atua na educação tem como principal instrumento de trabalho, portanto, o conhecimento. A evolução do perfil das crianças e as mudanças na concepção de sociedade que se refletem no cotidiano da escola redesenham a importância diária da formação do professor. Especialmente quando se fala em educação em sexualidade.

A formação especializada é importante para os professores, porque fornecer educação em sexualidade muitas vezes envolve novos conceitos e novos métodos de aprendizado. Essa formação deve ter objetivos e metas claras, ensinar a teoria e a prática de métodos participativos de aprendizado, ter um bom equilíbrio entre o aprendizado de conteúdos e habilidades, ser baseada no currículo que será implementado, e fornecer oportunidades para ensaiar lições chave do currículo. Tudo isso pode aumentar a confiança e a capacidade dos educadores. O treinamento deve auxiliar os educadores a distinguir entre seus valores pessoais e as necessidades de saúde dos alunos. Deve estimular os educadores a ensinar todo o currículo, e não apenas algumas partes selecionadas (UNESCO, 2010, p. 26).

O professor que assume a docência deve atender à complexidade do mecanismo de ensino e aprendizado, de modo a sustentar os procedimentos de suas decisões. Nesse contexto,

discutir os pressupostos da formação do professor é discutir como assegurar um domínio adequado da ciência, da técnica e da arte da profissão docente, ou seja, é tratar da competência profissional. No seu processo de formação, o professor se prepara para dar conta do conjunto de atividades pressupostas ao seu campo profissional. Atualmente, concebe-se essa formação voltada para o desenvolvimento de uma ação educativa capaz de preparar seus alunos para a compreensão e transformação positiva e crítica da sociedade em que vive (ALMEIDA, 2006, p. 3).

Vygotsky (2007) chama a atenção para a internalização dos processos interpessoais, que seriam transformados em processos intrapessoais, até suas referências à Zona de Desenvolvimento Proximal, em que o professor é um mediador/interlocutor no desenvolvimento e aprendizagem do aluno.

Veiga (2009) afirma que a educação é concebida como uma prática social num processo lógico de emancipação. Para isso, é preciso que se compreenda a demanda de “[...] justificar a subordinação do processo didático às finalidades

educacionais e indicar os conhecimentos teóricos e práticos necessários para orientar a ação pedagógico-didática na escola” (LIBÂNEO, 1994, p. 17).

Ao trabalhar com a sexualidade, o professor precisa estar ciente que as questões referentes ao tema podem surgir em diferentes momentos para cada aluno ou grupo; e mesmo que o professor já tenha discutido o assunto em sala de aula, pode ser necessária sua retomada.

Dessa forma:

A formação especializada é importante para os professores, porque fornecer educação em sexualidade muitas vezes envolve novos conceitos e novos métodos de aprendizado. Essa formação deve ter objetivos e metas claras, ensinar a teoria e a prática de métodos participativos de aprendizado, ter um bom equilíbrio entre o aprendizado de conteúdos e habilidades, ser baseada no currículo que será implementado, e fornecer oportunidades para ensaiar lições chave do currículo. Tudo isso pode aumentar a confiança e a capacidade dos educadores. O treinamento deve auxiliar os educadores a distinguir entre seus valores pessoais e as necessidades de saúde dos alunos. Deve estimular os educadores a ensinar todo o currículo, e não apenas algumas partes selecionadas (UNESCO, 2010, p. 26).

Nesse sentido, os aspectos interdisciplinares são fundamentais para que se consolide uma prática acadêmica saudável no processo ensino-aprendizagem sobre o tema da sexualidade na escola.

A interdisciplinaridade passou ao plano de discussão mais efetiva no Brasil quando se tornou um dos itens da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), nº. 5.692/71.

Desde então, sua presença no cenário educacional brasileiro tem se tornado mais forte, principalmente com a nova LDBN, nº. 9.394/96, e com os PCN (BRASIL, 1998). Nestes documentos a interdisciplinaridade é uma forma de

desenvolver um trabalho de integração dos conteúdos de uma disciplina com outras áreas de conhecimento [...] é uma maneira complementar ou suplementar que possibilita a formulação de um saber crítico-reflexivo, saber esse que deve ser valorizado cada vez no processo de ensino-aprendizado. É através dessa perspectiva que ela surge como uma forma de superar a fragmentação entre as disciplinas. Proporcionando um diálogo entre estas, relacionando-as entre si para a compreensão da realidade. A interdisciplinaridade busca relacionar as disciplinas no momento de enfrentar temas de estudo (CARLOS, 2010, p. 2).

Além da presença na legislação e nas propostas curriculares, a interdisciplinaridade tornou-se cada vez mais presente no discurso e na prática de professores. Porém, é preciso estar atento para o fato de que ela

só será eficaz se for uma maneira eficiente de se atingir metas educacionais previamente estabelecidas e compartilhadas pelos atores da unidade escolar. A interdisciplinaridade oferece uma nova postura diante do conhecimento, uma mudança de atitude em busca do contexto do conhecimento (CARLOS, 2010, p. 3).

Assim sendo, a interdisciplinaridade na escola começa já na formação do professor, no processo de organização da escola, nas relações cotidianas seja na família, no grupo de amigos, na vizinhança ou nas instituições sociais à procura de informações que podem constituir esse sujeito completo e de conhecimento contextualizado.

Devem fazer parte deste cotidiano agentes públicos, tais como o Conselho Tutelar e a Secretaria de Saúde e Assistência Social, quando se pensa, por exemplo, na preparação do educador em relação a questões ligadas à sexualidade.

É o grupo cultural ao qual o indivíduo pertence que lhe fornece formas de perceber e organizar o real. (OLIVEIRA, 1996). O mecanismo para criar métodos de interpretações contínuas é, e deve ser, reforçado pelo profissional da educação na relação com o aluno, nos diversos aspectos de construção de um sujeito envolvido com a realidade que o cerca.

O importante é trabalhar na direção de se pensar o espaço educacional por intermédio das questões da responsabilidade e do reconhecimento mútuo, que permitam sujeitos de ação e de criação. No caso das questões ligadas à sexualidade, não pode ser diferente, é preciso encontrar respaldo de informação e formação na sociedade (OLIVEIRA, 1996).

Enfim, têm-se as relações conceituais, interdisciplinares e de contexto, às quais estão ligadas à organização do plano de trabalho docente. As relações contextuais são as existentes entre os conceitos e os conteúdos estruturantes, as interdisciplinares referem-se às relações que se estabelecem entre os conceitos científicos pertencentes a outras disciplinas; já a de contexto trata da relação entre os conceitos científicos e as questões sociais, políticas, tecnológicas, culturais e éticas.

Cabe ao professor um importante papel que é o de refletir: a respeito das abordagens e relações a serem estabelecidas entre os conteúdos estruturantes, básicos e específicos. Refletir, também, a respeito das expectativas de aprendizagem, das estratégias e recursos a serem utilizados e dos critérios e instrumentos de avaliação (PARANÁ, 2008, p. 68).

As orientadoras educacionais poderão, assim, reconhecer nas experiências desses agentes públicos a singularidade que a discussão da sexualidade traz para esses profissionais e como eles podem, ao mesmo tempo, educar e prevenir possíveis abusos sexuais que possam vir a se manifestar no ambiente escolar.

## 1.6 Objetivos

### 1.6.1 Objetivo geral

Identificar o nível de conhecimento das orientadoras educacionais dos CMEI de Maringá sobre sexualidade e a percepção delas sobre a necessidade da oferta de ações de formação continuada interdisciplinar sobre o tema no âmbito educativo.

### 1.6.2 Objetivos específicos

- Sistematizar os conhecimentos sobre sexualidade, a partir de um levantamento bibliográfico;
- Explicitar a necessidade de formação continuada sobre sexualidade para as orientadoras educacionais que atuam nos CMEI;
- Descrever o conhecimento das profissionais que atuam como orientadoras educacionais nos CMEI sob o aspecto do conhecimento e impressões sobre sexualidade e formação continuada;
- Apontar estratégias de formação continuada interdisciplinar sobre sexualidade para as orientadoras educacionais dos CMEI.

## *1.7 Percurso Metodológico*

### 1.7.1 Amostra

Este estudo foi realizado na cidade de Maringá-PR. A população pesquisada compreende 59 orientadoras educacionais dos CMEI, ou seja, um universo de 59 professoras. É importante destacar que cada CMEI possui na sua equipe gestora, desde fevereiro de 2012, uma orientadora educacional (convidada), ou seja, uma professora concursada, que já passou por estágio probatório (três anos de experiência da Rede), análise de currículo e entrevista para atuar nessa função com novas atribuições, que vão além da aplicação de conteúdos em sala de aula.

### 1.7.2 Dados: fonte, coleta e análise.

O estudo proposto é do tipo exploratório. Os dados foram coletados com pesquisa bibliográfica e de campo, esta última analisada sob a perspectiva qualitativa. A partir da pesquisa de campo, foi possível averiguar o perfil das orientadoras educacionais dos CMEI de Maringá.

A pesquisa qualitativa, que teve como características a definição de Bogdan e Biklen (2006), tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave. Este tipo de pesquisa tem como premissa descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis e apresentar contribuições no processo de mudança.

Realizou-se, por conseguinte, uma descrição analítica do perfil das 59 orientadoras educacionais dos CMEI, visando comprovar a hipótese de que não estão capacitadas a contemplar as questões da sexualidade na escola, além de procurar subsídios para responder ao problema de pesquisa: perceber a necessidade da implantação de dinâmicas para a formação continuada destas profissionais em relação à sexualidade.

Para a coleta de dados primários, foram utilizadas às técnicas da pesquisa de campo, pois esse tipo de estudo pode ajudar na “[...] observação espontânea os fenômenos, uma vez que não há interferência do pesquisador” (ANDRADE, 2010, p.

127), sobre os sujeitos pesquisados. Para tanto, desenvolve-se um questionário semiestruturado com treze perguntas fechadas e três questões abertas (APÊNDICE A).

As perguntas fechadas tiveram o objetivo de analisar o perfil das orientadoras e as abertas buscaram averiguar o nível de informação acerca da sexualidade e formação continuada.

A coleta de dados foi realizada somente após a aprovação do questionário pelo Comitê de Ética, com as 59 orientadoras educacionais, durante uma reunião da Seduc, sem que as participantes pudessem consultar qualquer fonte. O questionário foi desenvolvido na última reunião mensal com as orientadoras educacionais dos CMEI, em 12 de dezembro de 2012.

De outro modo, os dados secundários foram obtidos por meio de pesquisa bibliográfica, consultas em escritos já realizados e disponibilizados na mídia impressa e virtual como, por exemplo, livros, jornais, revistas, artigos, monografias, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), dissertações e demais trabalhos científicos disponibilizados na Internet. .

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel de. A Reconstrução da Profissionalidade Docente no Contexto das Reformas Educacionais-Vozes de Professores na Escola Ciclada. In: SILVA, Aída Maria Monteiro e outros (Orgs.). **Políticas Educacionais, Tecnológicas e Formação do Educador: Repercussões sobre a Didática e a Prática de Ensino**. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife: ENDIPE, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1981

BRAGA, Eliane Rose Maio. **"Palavrões" ou palavras: um estudo com educadores/as sobre sinônimos usados na denominação de temas relacionados ao sexo**. 2008. 241f. Tese de Doutorado. Universidade Júlio de Mesquita Filho. Programa de Mestrado e Doutorado em Educação Escolar. Araraquara: SP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: temas transversais**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 2000.

BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira (org.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.);

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva (org.). **O coordenador pedagógico e a formação docente**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

CARLOS, Jairo Gonçalves. **Interdisciplinaridade no Ensino Médio: desafios e potencialidades**. Disponível em <[http://vsites.unb.br/ppgec/dissertacoes/proposicoes/proposicao\\_jairocarlos.pdf](http://vsites.unb.br/ppgec/dissertacoes/proposicoes/proposicao_jairocarlos.pdf)>. acesso em: 22/08/13.

COSTA, Teresinha. **Psicanálise com crianças**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais). In: **Dicionário interativo da educação brasileira**, 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=96>>. Acesso em: 23 set. 2013. Reveja como se escreve essa Referência.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **O professor como Educador Sexual**: Interligado formação e atuação profissional. In: RIBEIRO, P.R.M. (Org.) **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 115-151.

FOUCAULT, M. (1998) **A ordem do discurso**. (4ª ed.) Coleção Leituras filosóficas. São Paulo: Loyola.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G.L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 4 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 22 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp. 1993.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. O Seminário. Livro 5. **As formações do inconsciente [1957-1958]**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MAIO, Eliane Rose Maio. **O Nome da Coisa**. Maringá: Unicorpore, 2011.

MANONNI, Maud. **A primeira entrevista em psicanálise**: um clássico da psicanálise. 6. reimpr. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004

MOISÉS, J.S.; BUENO, S. M. V.;- **Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental**. Revista Esc. Enferm. USP. p.205 – 212, 2010.

NAGEL, Lizia Helena **"A TV Globo em Páginas da Vida"** 2009. Disponível em <<http://www.appsindicato.org.br/Include/Paginas/noticia.aspx?id=3207>>. Acesso em: 07 fevereiro. 2014.

OLIVEIRA, M.K. e REGO, T.C. (1996) Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto, p. 13-34. In Valéria, A. A. (org) Afetividade na escola: alternativas

teóricas e práticas. São Paulo, Summus editorial.

UNESCO. 2008. EDUSIDA Marco de ação. Paris: UNESCO.

UNESCO. 2007. A Estratégia da UNESCO em resposta ao HIV/AIDS. Paris: UNESCO.

UNESCO. **Orientação técnica internacional sobre educação em sexualidade:** uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde. 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001832/183281por.pdf>>. Acesso em: 16 outubro. 2013.

VEIGA, I. P. A.; AMARAL, A. L. (Orgs). **Formação de professores:** políticas e debates. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

WUSTHOF, Roberto. **Descobrimdo o Sexo.** 2ªed. Bauru/SP Ática, 1994.

## **CAPÍTULO II**

### **2.1 Apresentação**

Esta dissertação é composta por uma introdução e dois artigos científicos, originados de pesquisa realizada nos CMEI - Maringá – PR.

Primeiro artigo – autoras: Adriana de Oliveira Chaves Palmieri; Eliane Rose Maio; e Ana Paula Machado Velho. O texto tem como título “Sexualidade na Escola: reflexões sobre o perfil das orientadoras educacionais dos Centros Municipais de Educação Infantil de Maringá-PR”, e será encaminhado para apreciação, visando publicação em revista ainda não definida.

Segundo artigo - autoras: Adriana de Oliveira Chaves Palmieri; Ana Paula Machado Velho; Eliane Rose Maio. Trata-se de uma continuidade do primeiro artigo e aborda a sexualidade, a violência sexual e a necessidade da formação continuada interdisciplinar. O título é “Formação Continuada e Sexualidade na Escola: impressões das orientadoras educacionais”. O trabalho também será enviado para publicação em uma revista ainda não definida.

Em consonância com as regras do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, os artigos serão redigidos de acordo com as normas das revistas.

## 2.2 Artigos científicos

### 2.2.1 Artigo 1: Sexualidade na Escola: reflexões sobre o perfil das orientadoras educacionais dos Centros Municipais de Educação Infantil de Maringá-PR

**Adriana de Oliveira Chaves Palmieri<sup>1</sup>**

**Eliane Rose Maio<sup>2</sup>**

**Ana Paula Machado Velho<sup>3</sup>**

#### RESUMO

Este artigo descreve o perfil das orientadoras educacionais levantados por meio de uma pesquisa de campo, realizada em dezembro de 2012, com as profissionais que atuam nos Centros Municipais de Educação Infantil de Maringá. O objetivo foi compreender o nível de conhecimento deste grupo sobre sexualidade, no sentido de propor ações que possam contribuir para que as orientadoras educacionais se tornem aptas a lidar com temas desta natureza na sua experiência diária, no ambiente escolar. Foram entrevistadas todas as 59 orientadoras educacionais em exercício naquele período, por meio de um questionário semiestruturado. Este artigo reúne e analisa as respostas das questões fechadas, que descrevem o perfil profissional das orientadoras e mostra que a maior parte admite não estar amplamente capacitada para lidar com os problemas de sexualidade, cada vez mais presentes na escola. Além disso, a maioria das profissionais concorda que é necessária uma capacitação específica sobre o tema, por meio de um processo de formação continuada.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Formação Continuada; Centros Municipais de Educação Infantil; Orientadoras Educacionais.

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Mestrado em Promoção da Saúde, do Centro Universitário de Maringá; orientanda.

<sup>2</sup> Co-orientadora. Professora doutora do Mestrado e Doutorado em Educação – PPE, da Universidade Estadual de Maringá (UEM);

<sup>3</sup> Professora doutora do Programa em Promoção da Saúde, do Centro Universitário de Maringá; orientadora.

## INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar o tema sexualidade na escola surgiu da observação da angústia das orientadoras educacionais que atuam nos Centros Municipais de Educação Infantil de Maringá – PR (CMEI), em relação aos casos de violência sexual, cada dia mais presente nos estabelecimentos de ensino, inclusive nos CMEI. Nos primeiros dez meses de 2012, seis casos de violência sexual registrados em Maringá colocaram em xeque a capacidade das equipes desses Centros de perceberem, nas atitudes comportamentais das crianças, problemas da ordem da sexualidade, especialmente em alunos na faixa etária de 0 a 5 anos, que estão explorando o corpo e se descobrindo em contato com outros amigos.

Observando este cenário, percebeu-se a necessidade de desenvolver nos professores e, especialmente, nas orientadoras um “olhar” preparado e capaz de conduzir de maneira saudável todo e qualquer sinal de problema dessa ordem, que se apresente no meio educacional dos CMEI.

É preciso ter em mente que a sexualidade faz parte da vida de todas as pessoas. Ela envolve aspectos individuais, sociais, psíquicos e culturais, sugerindo, assim, abordagens interdisciplinares sobre o que se chama de educação para a sexualidade. Porém, deve estar baseada na realidade e não nos preconceitos e discriminações existentes na sociedade e no sujeito.

Uma das questões que mais influenciam neste processo nos dias atuais, é a mudança na conformação da família. A presença de uma família constituída de pai/mãe, na qual o pai sai para trabalhar e trazer o sustento e a mãe fica em casa para cuidar e educar o filho já não é maioria.

Além disso, cada vez mais há a necessidade de a mulher contribuir financeiramente nos gastos do lar e, até mesmo, assumir o papel de provedoras sozinhas. Cenário favorável para que as crianças não sejam mais educadas apenas em casa. Essa tarefa vem sendo realizada, na maioria das vezes, dentro do ambiente escolar.

Um dos fatores que podem comprovar este dado é a enorme lista de espera para vagas nas unidades de Educação Infantil, cadastrada no município de Maringá - PR. No último trimestre de 2012, era de 3.700 o número crianças de 0 a 3 anos à

espera de vagas nos CMEI de Maringá.

Realidade que vem modificando a sexualidade das crianças. Nessas “novas” famílias ainda se observa que os pequenos estão convivendo com muitos sujeitos que interferem na formação desses como indivíduo. Dentro de casa, há namoradas, namorados, padrastos, madrastas e outras pessoas que passam a fazer parte do dia a dia deles. Pessoas que se agregam ao ambiente familiar, por consequência há cada vez mais relatos de abuso sexual de avós, de irmãos consanguíneos; e também de tios (as), do (a) namorado (a) da mãe, namorada (o) do pai, primas (os) e, até mesmo, do próprio pai, ou da própria mãe.

Para completar este quadro, os dispositivos como a TV e até a *Internet* se transformam em “babás eletrônicas”, expondo as crianças, muitas vezes, a conteúdos inadequados para a idade.

Por outro lado, há as questões que permeiam o ambiente escolar e não são menos problemáticas. Os profissionais dos CMEI observam manifestações de todos os tipos, inclusive aspectos da sexualidade, já que as crianças permanecem por mais de oito horas, de segunda a sexta-feira, nestes espaços. São observados casos de masturbação, curiosidade em conhecer o corpo do colega, entre outras ações, que a maior parte das orientadoras educacionais não sabe como lidar. Afinal, elas próprias estão inseridas num ambiente cultural cheio de tabus e, infelizmente, optam por resolver problemas considerados mais importantes no currículo escolar do que a sexualidade.

Em outras palavras, os professores e as orientadoras educacionais não conseguem, muitas vezes, quebrar os paradigmas da sua cultura para lançar um olhar para a realidade em que vive a sociedade contemporânea, no que diz respeito à sexualidade, e que, obviamente, está inserida nos estabelecimentos de ensino.

Confirma Maio (2010, p. 56)

As manifestações sexuais que aparecem na escola demonstram, a cada momento, as dificuldades que as instituições educativas apresentam quando tratam da temática da sexualidade em seu cotidiano. Uma proposta de educação sexual adequada, consciente e emancipadora contribuiriam para o objetivo de tornar toda a comunidade educativa apta a discutir assuntos importantes para o discernimento, na área da sexualidade (MAIO, 2010, p.56).

A autora afirma que as instituições ainda não estão preparadas para

desenvolver a temática sexualidade, sendo necessário preparar o corpo docente das instituições para que sejam capacitados e que contribuam de maneira eficaz com o desenvolvimento da sexualidade no ambiente escolar independente da faixa etária.

## **A SEXUALIDADE NO CENÁRIO ESCOLAR DE MARINGÁ**

Os professores da Rede Municipal de Ensino de Maringá são contratados por meio de concurso público. São profissionais com licenciatura nas diversas áreas do conhecimento: Pedagogia, Artes, Educação Física etc. Estudaram para desenvolver o trabalho deles com um currículo formal, ou seja, mediar conteúdos.

Encontra-se no Plano de Carreira, Cargos e Salários do Magistério Municipal MARINGÁ (2009) que, para assumir qualquer função na equipe pedagógica, o profissional do Magistério precisa ter passado por estágio probatório e/ou no mínimo três anos de experiência na Rede Municipal de Maringá. Além disso, pelas Diretrizes dos CMEI, esses professores podem assumir outras funções na equipe gestora dos estabelecimentos (supervisão, orientação e, até mesmo, direção) desde que passem por entrevista e demonstrem aperfeiçoamento na função.

Em outras palavras, as orientadoras educacionais não são capacitadas formalmente para esta função. Elas são professoras que se comprometeram com este novo cargo, que requer novas habilidades e informações. Precisam compreender os aspectos que estão além dos conteúdos. Para que haja habilitação para nova função, as orientadoras educacionais devem ser capacitadas por meio de conteúdos interdisciplinares envolvendo diversos aspectos: culturais, médicos, legais e psicológicos, especialmente na área da sexualidade. É necessário proporcionar novos processos de formação, haja vista as evidências de casos recentes de violência sexual, em Maringá, registrada em seis CMEI, em 2012.

A primeira profissional a ser chamada nestes casos é a orientadora educacional, que não demonstrou capacitação suficiente para lidar com os fatos. Assim, fica claro que é preciso que a Secretaria Municipal de Educação ofereça informação com “olhar interdisciplinar” em relação às profissionais que estão na função de orientadoras educacionais nos CMEI, no que diz respeito à sexualidade no espaço escolar.

A cada dia fica mais evidente a importante atuação da escola na vida das crianças, especialmente na formação da educacional do sujeito atual. No caso de Maringá, o que se observa é que as crianças estão inseridas cada dia mais cedo no ambiente escolar, ou seja, os membros das famílias precisam trabalhar e acabam terceirizando a educação das crianças para os profissionais que trabalham nos CMEI. É importante que as crianças convivam com outros colegas e se socializem, porém é necessário que haja espaço físico adequado, profissionais comprometidos e de qualidade, além de um trabalho pedagógico direcionado, visando, principalmente uma educação universal.

A educação é um direito de todas as crianças e, para regulamentar a oferta do ensino, o Plano Nacional da Educação prevê, por meio da Ementa Constitucional nº. 59/2009, que até o ano de 2016 todas as crianças na idade de 4 e 5 anos (pré-escola) estejam matriculadas na Educação Infantil (EI).

Esses indivíduos têm origem em diferentes tipos de ambientes e condições familiares. Há crianças que chegam aos espaços escolares, de fato, precisando de orientações das mais diversas possíveis. Já foi mencionado que essas crianças convivem com diferentes agentes que influenciam em sua educação. Questões como: o que e como comer, a maneira adequada de escovar os dentes, de lavar as mãos, correr, pular, identificar as partes do corpo, trocar de roupa, pentear os cabelos, entre outras particularidades, que antes era tarefa da família, agora precisam ser trabalhadas na escola. Nos CMEI, elas ainda precisam responder às expectativas do ambiente escolar, adquirir conhecimento e desenvolvimento motor, psicológico, cognitivo e, por que não, da sua sexualidade.

A sexualidade faz parte da concepção do próprio indivíduo desde o seu nascimento. Isso também é evidenciado no ambiente escolar por meio da convivência das crianças, dos estímulos apresentados pelas famílias e, até mesmo, pelos programas de TV.

Por isso, é fundamental que o ensino seja focado na plena constituição do gênero de maneira sensata. Essa colocação é importante, pois as crianças precisam compreender, no espaço na qual é educada, o que é “menino e menina”, conforme se menciona a seguir:

[...] há diferenças sexuais construídas histórica e socialmente, no entanto as diferenças sexuais, também, são evocadas pelas

características materiais dos corpos, ou seja, a criança é levada a se descobrir menino ou menina através desse paradigma. Além desta máxima, não se sugere a necessária problematização e discussão acerca da gênese e constituição do gênero, e sim o 'combate as discriminações e o questionamento de estereótipos associados ao gênero', condicionados ao surgimento de situações-problema que exijam o tratamento dessa temática (BRASIL, 2000, p. 145).

Um dos aspectos fundamentais nesse processo é o que conduz à exploração dos corpos, que deve ser trabalhado, sim, com práticas que levem o educando a descobrir-se e relatar situações que estão ou venham a acontecer com o seu corpo, não apenas no convívio do ambiente escolar, mas também na família.

Todo esse processo de descoberta e de convivência com outros agentes no espaço escolar e familiar acaba modificando a sexualidade das crianças. Assim, é muito difícil saber como proporcionar ou reconhecer as questões que são evidenciadas sobre sexualidade nas escolas. Até porque os profissionais da educação são formados para trabalhar com os conteúdos de História, Língua Portuguesa, Ciências, Geografia e Matemática, ou seja, a sexualidade não está presente na grade curricular nem na formação inicial do professor.

Assim, o trabalho a ser desenvolvido é complexo e precisa quebrar paradigmas, inclusive, na própria formação do profissional que dialogará com os alunos e a família, um trabalho diário que deve ser feito por meio da

[...] atitude do professor e de suas intervenções diante das manifestações de sexualidade dos alunos na sala de aula, visando auxiliá-los na distinção do lugar público e do privado para as manifestações saudáveis da sexualidade correspondentes à sua faixa etária. É a partir dessa percepção que a criança aprenderá a satisfazer sua necessidade de prazer em momentos e locais onde esteja preservada a sua intimidade. Os conteúdos trabalhados devem também favorecer a compreensão de que o ato sexual e intimidades similares são manifestações pertinentes à sexualidade de jovens e de adultos, não de crianças (BRASIL, 1997, p. 30).

Em Maringá, a orientadora educacional tem um papel fundamental nesse processo. Ela é uma professora convidada a ser orientadora e, para avançar em relação aos debates do cotidiano, precisa compreender questões mais amplas. Por exemplo, que todos têm um corpo e, por isso, é necessário conhecê-lo para que haja

a valorização de cada sujeito.

E não é só sob o aspecto da sexualidade, também no tocante ao processo de desenvolvimento e crescimento

[...] que são construídos concomitantemente com o desenvolvimento de práticas corporais, ao mesmo tempo em que dão subsídios para o cultivo de bons hábitos de alimentação, higiene e atividade corporal e para o desenvolvimento das potencialidades corporais do indivíduo, permite compreendê-los como direitos humanos fundamentais. As formações de hábitos de autocuidado e de construção de relações interpessoais colaboram para que a dimensão da sexualidade seja integrada de maneira prazerosa e segura (BRASIL, 2000, p. 29-30).

Por isso, é importante rever a formação dessas orientadoras. É importante envolvê-las num processo de reflexão, especialmente porque elas também precisam pensar a própria sexualidade. Essa profissional precisa, em primeiro lugar, saber se compreender como pessoa, “[...] como sujeito histórico e sexuado, entre outras inúmeras dimensões que somos” (CABRAL, 1995, p. 153).

Para Cabral *et al.* (1995, p. 4), “[...] a concepção materialista histórica entende o homem como produto de múltiplas relações sociais, pois é um ser em movimento e em incessante transformação.” E mais, “[...] não nascemos homens ou mulheres nascemos fêmeas e machos da espécie humana.” Como ser humano a pessoa é capaz de “[...] dar sentido, dar significado, atribuir valores, regulamentos e formatizar os relacionamentos afetivos, amorosos e sexuais”.

Essas transformações estão na rua. São as experiências do cotidiano, em seus múltiplos aspectos que vão moldando comportamentos e crenças. Por esse motivo é que esta pesquisa sugere que se pense a solução para a capacitação da orientadora educacional pelo o que é chamado de formação continuada.

Nóvoa (2002 *apud* SOUZA, 2009) apresenta que a formação continuada não deve ser entendida como acumulação de cursos, palestras, seminários, ou seja, não é só aprender conhecimentos e técnicas. Esse processo leva a uma reflexão crítica que deve promover a reconstrução permanente de uma identidade pessoal e profissional.

O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a

própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente. Para esse estudioso português, a formação continuada se dá de maneira coletiva e depende da experiência e da reflexão como instrumentos contínuos de análise (SOUZA, 2009, p. 23).

Nesse aspecto, em relação à sexualidade dos alunos dos CMEI, pergunta-se: as orientadoras educacionais estão preparadas para enfrentar as questões sobre sexualidade no ambiente escolar? Responder a esta questão é o objetivo principal deste artigo, que ainda se propõe a discutir como essas profissionais entendem a necessidade de serem submetidas a ações de formação continuada, que possam oferecer informações específicas sobre esse tema.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Para possibilitar a formatação desse estudo, aplicou-se um questionário semiestruturado com 12 questões fechadas a todas as 59 orientadoras educacionais em exercício, em dezembro de 2012.

Por meio destas questões, pode-se observar o perfil das profissionais sob o aspecto do conhecimento e impressões sobre sexualidade. O questionário foi preenchido por todas as profissionais sem a utilização de nenhum material de apoio, apenas com o conhecimento das mesmas. Em seguida, os dados foram analisados de forma qualitativa. Assim, foi possível obter o perfil das profissionais que lidam diariamente com problemas que ocorrem no ambiente escolar.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A maioria (59,32%) das profissionais que atuaram no ano de 2012 na função de orientadoras educacionais pertence à faixa etária acima de 40 anos. 32,20% estão entre 30 e 40 anos. 8,47% das orientadoras dos CMEI têm entre 20 e 30 anos. E, 67,80% das profissionais são católicas; 28,81% são evangélicas; e 3,39% adventistas, questão importante, visto que a pesquisa tem como enfoque um tema ligado aos tabus sociais e religiosos. 47,46 % das entrevistadas possuem dois filhos, 20,34% um filho, 22,03% não têm filhos; 8,47% possuem três filhos; e 1,69% quatro

filhos.

Quanto aos aspectos de formação, verificou-se que 74% das profissionais entrevistadas possuem como formação inicial a licenciatura em Pedagogia; 12% Letras; 3% Artes Visuais; 3% História; 3% Ciências; 2% Biologia; 2% Geografia o que pode contribuir para a teoria a ser discutida posteriormente: a de que o grupo não está preparado, formalmente, para lidar com o tema sexualidade.

Afinal, ao observar as especializações realizadas pelas orientadoras não se constata áreas que estudam a sexualidade. Apenas duas profissionais, ou seja, 3% se aprofundaram na educação infantil, formação que contempla conteúdo sem o tema. Outros cursos que fazem parte do universo das especializações cursadas pelas orientadoras são: Neuropedagogia (7%), Teoria Histórica Cultural (3%) e Psicopedagogia (41%). Os cursos de Gestão Educacional (14%) e Administração Educacional (6%) são interessantes para a função, porém abordam estudos referentes à administração do espaço escolar.

O tempo de atuação e conhecimento sobre o trabalho no setor público com crianças é bastante significativo para compreender a prática dessas profissionais no cotidiano dos educandos. O gráfico apresenta a grande diversidade de atuação na rede como regente. 61% das professoras convidadas para a função de orientação educacional têm de 3 a 10 anos de atuação na Rede Municipal; 24% de 11 a 20 anos; e 15% mais de 21 anos de experiência na docência.

Uma das questões que nortearam esse trabalho foi compreender se as orientadoras possuem ou não informações necessárias para lidar com as questões de sexualidade na escola. Observou-se que 76,27%, ou seja, grande parte dessas profissionais, de fato, entende que a formação acadêmica não ofereceu sustentação teórica e interdisciplinar para abordar a temática sexualidade no espaço escolar.

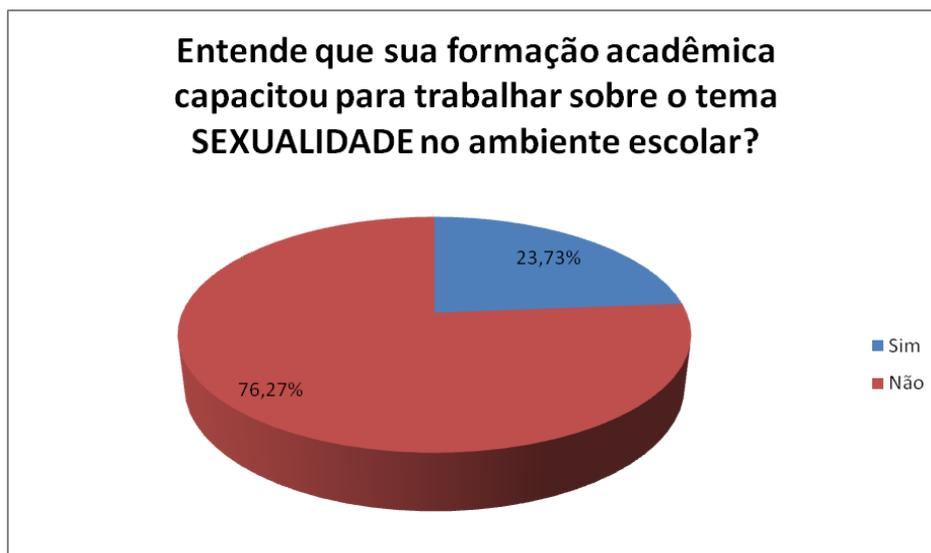


Gráfico 7 - Formação e a temática sexualidade.  
Fonte: Confeção própria.

Porém, 76,27% das orientadoras dos CMEI afirmaram que estão preparadas para situações e dominam temas referentes à sexualidade, mesmo admitindo anteriormente que precisam de mais informações. 23,73% das entrevistadas afirmaram não estar capacitadas para essas situações. Os dados mostram a importância do estudo em relação ao tema sexualidade na formação continuada do professor. 91,53% das orientadoras educacionais são a favor da formação sobre essa temática. E apenas 8,47% relataram que cabe ao professor implantar reflexões sobre sexualidade.

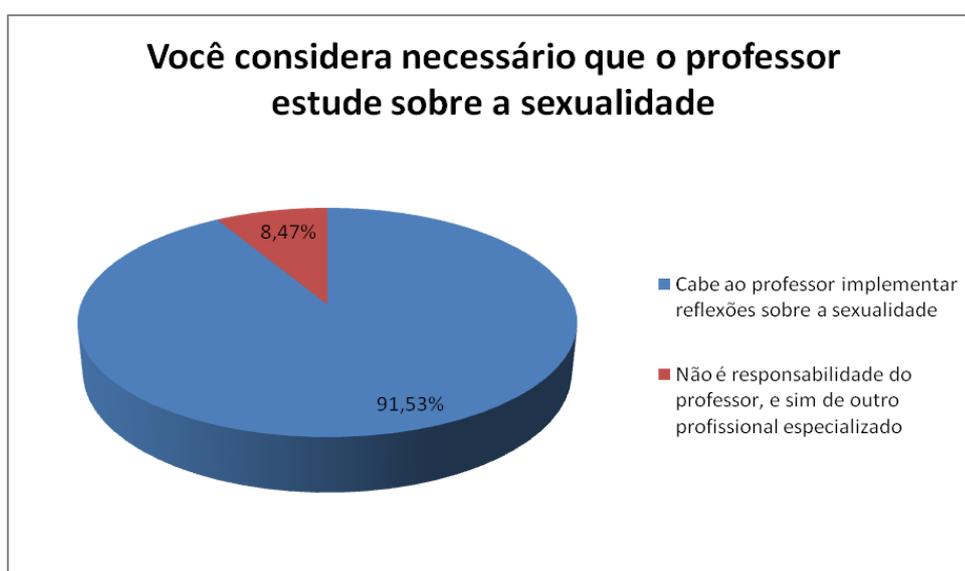


Gráfico 9 - Estudo sobre a sexualidade.  
Fonte: Confeção própria.

Outro objetivo proposto no estudo foi o de identificar e mensurar as concepções das orientadoras educacionais da Rede Municipal de Ensino de Maringá que atuam nos CMEI da cidade em relação à sexualidade. Como observado, 100% das entrevistadas apontaram que a sexualidade é um tema que exige abordagem transversal, sendo importante a sua inserção na grade curricular dos cursos de licenciatura. E, mais uma vez, apresentaram-se como aptas a lidar com o tema. 96,61% das orientadoras afirmaram que não se intimidam ao dialogar sobre sexualidade com a comunidade exterior ao ambiente escolar, ou seja, conselhos, pais e, até mesmo, com alunos. Informação que não se confirma no dia a dia do ambiente escolar, visto que as orientadoras educacionais não conseguem lidar com os casos registrados nos CMEIs em 2012, fato que gerou esta pesquisa.

As respostas referentes às dimensões da sexualidade humana apontaram que 100% das orientadoras educacionais entendem que as dimensões da sexualidade são plurais e passam pelos aspectos: biológicos, psicológicos e sociais. 94,92% acreditam que a pluralidade cultural influencia na relação professor e aluno, no que diz respeito à sexualidade. Apenas 5,08% afirmaram que não acreditam nessa influência.

Outro objetivo apresentado nesse estudo foi compreender como as orientadoras enxergam a necessidade de formação continuada interdisciplinar. Ao analisar as respostas apresentadas, observou-se que 100% consideram importante uma reflexão sobre a formação inicial. A oferta de cursos adicionais e a formação continuada poderia também capacitar o professor para administrar com excelência os problemas de sexualidade em sala de aula.

Maio afirma que uma proposta de educação sexual “adequada, consciente e emancipadora poderia contribuir para o objetivo de tornar toda a comunidade educativa apta a discutir assuntos importantes para o discernimento, na área da sexualidade” (MAIO, 2011, p. 182).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem qualquer pretensão de acabar com a discussão, as respostas às questões do questionário de pesquisa apresentadas neste artigo, em relação à sexualidade, autorizam a salientar que a sexualidade contempla valores culturais importantes que se manifestam no cotidiano das diferentes instituições. Os problemas que surgem nas famílias acabam por ter que serem resolvidos em outras instâncias da sociedade e, muitas vezes, no ambiente escolar.

A partir dos resultados obtidos com a análise dos gráficos, pode-se observar que a orientadora educacional tem um papel fundamental no processo de entender o aluno além dos conhecimentos básicos e, assim, é imprescindível a discussão em relação à sua formação continuada de maneira interdisciplinar.

Conforme observado no decorrer do trabalho, é no ambiente escolar que surgem os maiores desafios em relação às novas demandas de sujeitos, que exigem das profissionais, principalmente da orientadora educacional, uma reflexão constante para tomar atitudes no tocante à sexualidade.

A partir da análise dos dados foi possível verificar que a professora que é convidada a ser orientadora precisa avançar em relação aos debates do cotidiano, é necessário compreender questões mais amplas que envolvem os mais diversos tipos de identidades. Por exemplo, que todos têm um corpo e, por isso, precisam conhecê-lo para que haja a valorização de cada sujeito. E não é só sob o aspecto da sexualidade, também como sujeito pleno e com particularidades, como a influência da mídia na formação das crianças.

Considera-se, enfim, que este trabalho inicial evidencia que as orientadoras educacionais apresentaram importantes reflexões em relação ao nível de conhecimento sobre a sexualidade, e foi possível constatar, por intermédio da pesquisa, que as orientadoras dos Centros Municipais de Educação Infantil de Maringá precisam aprimorar seu conhecimento em relação à temática apresentada.

Portanto, como já se afirmou, é preciso rever e reorganizar práticas pedagógicas para a formação interdisciplinar da orientadora educacional, envolvendo estudos de caso, revendo as atitudes, comparando-as com o que se exige no presente para buscar coerência no futuro em relação ao “olhar” das identidades que estão surgindo no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

CABRAL, Juçara T. **A sexualidade no mundo ocidental**. Campinas: Papirus, 1995.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: educação física. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 2000.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

MAIO, Eliane Rose. In: PARANÁ- Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual. Secretária de Estado da Educação do Paraná – Versão preliminar. 2010.

NÓVOA, Antonio. (1997) **Os professores em formação**. In: SOUZA, Renata de. **Formação continuada**: Direito, Dever, Responsabilidade. Mas de Quem? Disponível em: <[www.webartigos.com/artigos/formacao-continuada-direito-dever-responsabilidade-mas-de-quem](http://www.webartigos.com/artigos/formacao-continuada-direito-dever-responsabilidade-mas-de-quem)>. Acesso em: 12 out. 2012.

## *2.2.2 Artigo 2 - Formação Continuada e Sexualidade na Escola: impressões das orientadoras*

### **RESUMO**

Este artigo descreve as informações das orientadoras educacionais levantadas por meio de uma entrevista, realizada em dezembro de 2012, com as profissionais que atuam nos Centros Municipais de Educação Infantil de Maringá. O objetivo foi compreender o nível de conhecimento deste grupo sobre conceitos de sexualidade e a opinião destas profissionais sobre a necessidade de uma ação de formação continuada para que possam se tornar aptas a lidar com temas desta natureza na sua experiência diária, no ambiente escolar. Foram entrevistadas 59 orientadoras educacionais em exercício naquele período, por meio de um questionário com questões abertas. As respostas descrevem e apontam que a maior parte admite não estar amplamente capacitada para lidar com temas relacionados à sexualidade. Por consequência, a maior parte das profissionais entrevistadas também concorda que é necessária uma capacitação específica sobre o tema, por meio de um processo de formação continuada de maneira interdisciplinar.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Formação Continuada; Centros Municipais de Educação Infantil; Orientadoras Educacionais.

### **INTRODUÇÃO**

A evolução do perfil das crianças e as mudanças na concepção de sociedade se refletem no cotidiano da escola e redesenham a importância diária da formação do professor. Nesse contexto, esse profissional precisa estar plenamente capacitado para desenvolver as atividades de acordo com a demanda dos educandos.

No ano de 2012, os Centros Municipais de Educação Infantil do Município de Maringá – (CMEI) começaram a trabalhar com mais um membro no seu corpo administrativo/diretivo, a orientadora educacional, profissional esse que não existia nos centros até então.

Ao trabalhar com a sexualidade, o professor precisa estar ciente que as questões referentes ao tema podem surgir em diferentes momentos para cada aluno ou grupo, e mesmo que o professor já tenha discutido o assunto em sala de aula, pode ser necessária sua retomada.

Nesse sentido, os aspectos interdisciplinares são fundamentais para que se consolide uma prática acadêmica saudável no processo ensino-aprendizagem sobre o tema da sexualidade na escola.

Assim sendo, a interdisciplinaridade na escola começa já na formação do professor, no processo de organização da escola, nas relações cotidianas, sejam com a família, o grupo de amigos, a vizinhança ou as instituições sociais, à procura de informações que podem constituir esse sujeito completo e de conhecimento contextualizado.

É o grupo cultural ao qual o indivíduo pertence que lhe fornece formas de perceber e organizar o real (Oliveira, 1996). O mecanismo para se criar métodos de interpretações contínuas é e deve ser reforçado pelo profissional da educação, no que diz respeito à relação com o aluno, nos diversos aspectos de construção de um sujeito envolvido com a realidade que o cerca. E perceber, assim, o nível de conhecimento das orientadoras educacionais dos CMEI de Maringá sobre sexualidade e as percepções delas sobre a necessidade da oferta de ações de formação continuada interdisciplinar.

Este artigo trata da análise das perguntas abertas de questionário aplicado às profissionais, para conhecer o nível de conhecimento das orientadoras educacionais dos CMEI de Maringá/PR sobre sexualidade, bem com a impressão delas sobre a necessidade de se propor ações de formação continuada interdisciplinar para a qualificação.

Logo, essa pesquisa tem a intenção de melhorar a qualidade de ensino na educação infantil, principalmente por se ter consciência de que as crianças, na faixa etária de 0 a 3 anos (modalidade creche) e de 4 e 5 anos (pré-escola), precisam de profissionais que respondam aos questionamentos pertinentes à curiosidade de cada sujeito, no que diz respeito à sexualidade.

O conhecimento sobre o entendimento pedagógico das orientadoras educacionais em relação às falas e comportamentos das crianças, deste modo, é de suma importância no processo ensino-aprendizagem, principalmente no que diz respeito à curiosidade dos meninos e meninas sobre a sexualidade, sendo, portanto, imprescindível para promover, no espaço da sala de aula, um ambiente interdisciplinar e saudável.

## METODOLOGIA

Para possibilitar a formatação desse estudo, foi desenvolvido um roteiro com perguntas (em anexo) sobre sexualidade e aplicado a todas as 59 orientadoras educacionais, em exercício, em dezembro de 2012. Por meio dessas questões, observou-se o conhecimento das profissionais e impressões sobre sexualidade e violência no âmbito escolar. A Análise de Conteúdo possibilitou o atendimento da análise dos dados voltados para uma abordagem qualitativa.

É importante destacar que as respostas das orientadoras educacionais são o principal *corpus* para análise e desenvolvimento deste estudo. Vale reforçar que as respostas aqui apresentadas não sofreram tratamento algum no sentido de garantir o registro das manifestações das profissionais.

A pesquisa possibilitou verificar, assim, que os alunos precisam de educação em sexualidade. Um dado que reforça essa impressão é, quando questionadas sobre o que entendiam em relação à sexualidade, das 59 orientadoras educacionais, 11 não responderam à questão.

A pergunta tinha como meta atender a um dos objetivos da pesquisa: compreender a concepção das orientadoras educacionais da Rede Municipal de Ensino de Maringá-PR que atuam nos CMEI da cidade em relação à sexualidade no espaço escolar. As respostas aos questionamentos reforçam que é necessária uma atenção maior na capacitação das orientadoras educacionais.

Por meio das respostas daquelas que se manifestaram, foi possível constatar aspectos importantes como, por exemplo, a necessidade do diálogo sobre sexualidade com esses profissionais, diante do fato de que assumem a falta de conhecimento sobre o tema.

*“ Não tenho clareza sobre o que seja sexualidade, contudo entendo que seja diferente de sexo, tendo mais a ver com comportamentos e modos como a educação sexual, o respeito moral e ético que envolve o ‘uso’ do corpo” (ORIENTADORA 1).*

*“Já procurei em artigos, literaturas, mas, às vezes, ainda sei que preciso aprender mais. Sexualidade, para mim, é um tema bastante abrangente, depende de cada família, religião etc. Não sei bem o que é sexualidade, mas sei que está*

*presente no indivíduo desde que o mesmo nasce” (ORIENTADORA 2).*

*“Não sei bem o que quer dizer sobre sexualidade, mas penso que, ao falar sobre esse tema, é preciso ter cuidado com os tabus que ainda existem na atualidade. Tudo o que diz respeito ao corpo, de forma que envolva sensações, emoções e outros aspectos” (ORIENTADORA 3).*

*“ É um assunto ainda delicado. Existem vários tabus, quando se toca nesse assunto. Alguns ainda sentem-se tímidos. Então, é preciso respeitar a opção sexual de cada um. Ao trabalhar o assunto com as crianças, principalmente de 4º e 5º ano. Deve-se sempre dizer a verdade. Desde como acontece um relacionamento entre homens e mulheres, respeitar as diferenças, mostrar os cuidados, trabalhar prevenção de gravidez indesejada, falar sobre o sexo, sobre o amor etc.” (ORIENTADORA 4).*

*“Sexualidade está presente em todo ser humano, é bom, mas desde que seja explorada corretamente. É um assunto amplo que necessita ser explorado mais” (ORIENTADORA 5).*

*“É uma necessidade do ser humano. A sexualidade, hoje, tem uma ampla atenção que está deixada. Necessita de mais atenção, voltada à orientação para as crianças adolescentes jovens e até adultos tais como: 1ª infância – descoberta dos órgãos; - adolescência – gravidez precoce, jovens, adultos perigos de doenças que são agravantes à saúde física” (ORIENTADORA 6).*

Além de todos esses relatos, foi possível observar que as orientadoras educacionais apontam indícios do que é conceitualmente sexualidade. Porém, não a definem, até porque, como mencionado por elas, não tiveram fundamentação teórica sistematizada, no curso de Pedagogia, sobre o assunto.

Para Felipe (2011), quando se fala em sexualidade no âmbito da escola, em geral, reporta-se a experiências muito pontuais e esporádicas, que se pautam basicamente pelo viés da prevenção, abordando as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e gravidez precoce, ressaltando os processos biológicos que envolvem tais situações. Essa ideia legitima a associação da sexualidade, exclusivamente, com a reprodução, levando à convicção de que a educação sexual inclui apenas conteúdos afetos à biologia e à fisiologia do aparelho reprodutor, e é consequência da negação do sexo como fonte de prazer. Isto ficou claro nas

respostas das orientadoras quatro e seis, apresentadas acima.

Figueiró (2006) afirma que, mesmo com a proposta de transversalidade dos PCNs, a sexualidade ainda é cercada por obstáculos no ambiente escolar. Não é considerada uma questão prioritária na educação formal, sua prática não se encontra na maioria das escolas brasileiras e, quando isto ocorre, é por iniciativas isoladas de alguns professores. Essa tarefa é considerada um trabalho da família, excluindo a responsabilidade da escola.

Nas respostas, percebe-se o medo em se discutir a questão. Porém, fica claro que as orientadoras educacionais sabem que é necessário abordar o tema, apesar de delicado e cercado de tabus.

### **Sexualidade no espaço escolar**

Das 59 entrevistadas, 27 orientadoras, isto é, 45,76% disseram nunca ter presenciado a ocorrência de violência sexual e nem manifestações ligadas à sexualidade no ambiente escolar.

O outro grupo de orientadoras apresentou algumas falas interessantes sobre estas questões:

*“Havia uma criança que se masturbava para dormir. Porém, foi descartada pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), a violência física. Porém, ela sofre certo grau de violência psicológica devido à separação dos pais e brigas da mãe” (ORIENTADORA 8).*

*“Não, a violência sexual propriamente dita, mas situações, entre as crianças, em que pode perceber comportamentos, conhecimentos inadequados para a idade” (ORIENTADORA 9).*

*“Foi possível presenciar algumas ocorrências com relação ao gênero, como separação de brinquedos de meninos e meninas; cores (azul para menino e cor-de-rosa para meninas). Sim, têm casos de violência, fora do CMEI, mas que acabam refletindo, dentro do Centro no comportamento das crianças” (ORIENTADORA 6).*

*“O que ocorreu no CMEI é curiosidade de meninas e meninos para ver os órgãos sexuais do outro (de maneira natural da idade deles) e uma menina que “masturbou” com o estojo e cadeira. Algumas ações foram observadas como:*

*crianças que se tocam durante o sono; mostram seus órgãos genitais aos colegas; relatos sobre cenas sexuais, filmes etc.” (ORIENTADORA 3).*

*“Ocorreram apenas ações próprias da idade de descoberta, querer mostrar o corpo aos outros ou ter curiosidade de ver” (ORIENTADORA 10).*

*“No Centro, às vezes, acontece menina beijando menina no banheiro ou vice-versa. Algumas crianças dos CMEI assistem a filmes pornográficos com seus tios, irmãos etc. Surgiu uma suspeita de uma criança ter sido molestada sexualmente pelo irmão mais velho” (ORIENTADORA 11).*

*“Uma criança pediu ao outro que tirasse a calça para que ele “beijasse seu pipi”, porque assistiu no filme” (Não se identificou).*

*“Em determinado momento, na rede estadual, enquanto pedagoga em Sarandi, uma aluna disse ter sido abusada pelo padrasto. O caso foi encaminhado ao Conselho Tutelar, que passou a assistir a família e apurar o fato” (ORIENTADORA 12).*

*Houve um relato da criança, no Centro, para a professora da sala, expondo que presenciou com a mãe e o pai. (ORIENTADORA 9).*

*“As situações mais corriqueiras são as descobertas dos órgãos genitais, procura-se abordar este conteúdo nos planejamentos a fim de esclarecer a função dos órgãos” (Não se identificou).*

*“Situação que ocorreu fora do espaço de trabalho, mas que refletiu na escola de abuso sexual” (ORIENTADORA 2).*

*“Caso de violência, não, e sim, curiosidade normal de criança se despir para ver os órgãos genitais uns dos outros” (Não se identificou).*

*“Envolvendo uma criança, houve uma tentativa de estupro, que ocorreu na residência” (Não se identificou).*

*“Houve uma ação onde a criança via os pais praticarem sexo. Os pais foram chamados e orientados a ter mais cuidado. Os mesmos agradeceram a equipe, pois não haviam dado conta da situação” (ORIENTADORA 13).*

*“Relato e acompanhamento de um vizinho que morava no mesmo terreno e que ficava mostrando as partes íntimas para uma criança de 4 anos. A criança relatou para a professora e a família e o Conselho Tutelar foram chamados. E, de*

*fato, foi observado e, infelizmente, pego em flagrante o molestador” (Não se identificou).*

*“Uma menina do Infantil 5, se masturbava na hora do sono com o “paninho” que levava para dormir” (Não se identificou).*

*“Sim, crianças se masturbando. Não houve nenhum caso de violência, o que houve foi um caso de uma educadora que veio a mim apavorada, pois um menino de três anos estava com o pênis ereto dizendo que aquilo era “safadeza”. Mas, ao conversar com ela e explicar que era normal, ela não concordou muito, ficou mais calma” (ORIENTADORA 9).*

*“Sim, houve um caso de estupro de uma criança, porém o Conselho não deu a devolutiva” (ORIENTADORA 14).*

*“Sim, mas os pais foram orientados no tratamento com os filhos dentro de casa, ex: ao tomar banho, ao assistir televisão, na maneira de se vestir etc.” (não se identificou).*

Observa-se que, nos casos relatados pelas orientadoras educacionais, os pais estavam envolvidos de alguma maneira com a ocorrência. Isso é um problema porque, segundo Vygotsky (*apud* PINO, 2005), a família tem papel fundamental na constituição do sujeito. Dessa forma, pode-se se aferir pela fala das profissionais, que os pais têm deixado a desejar na constituição de um sujeito saudável sob o viés da sexualidade.

Por outro lado, percebe-se que boa parte das orientadoras educacionais compreende o fato de que a sexualidade está no ambiente. E, de alguma maneira, também entende que ao se deparar com os problemas mais contundentes, como a violência, há necessidade de acionar instâncias efetivas, como o Conselho Tutelar. Mesmo que alguns relatos pareçam “sussurros”, até sem identificação, boa parte sabe o que está enfrentando e toma atitudes para resolver os problemas.

No entanto, algumas mostraram que não compreendem as razões instintivas que levam as crianças a se conhecerem e a sentirem prazer por meio da masturbação, entendendo esta questão como problema. Este é o caso das Orientadoras Educacionais.

### **Formação continuada: uma ação necessária**

Em relação à necessidade de formação continuada, diversos pontos foram apresentados pelas profissionais. Já se esperava que 100% delas afirmassem que é necessário que a Seduc proporcione cursos de formação continuada. Não obstante, a ideia de oferecer questões abertas irá permitir perceber as sugestões, que foram oferecidas por boa parte delas.

*“É necessário proporcionar cursos de formação, orientando a forma de lidar com esses assuntos referentes à sexualidade, sem causar constrangimento tanto com a criança, com os pais, até mesmo com os membros da sociedade, pois às vezes, temos receio em tocar no assunto por não compreendermos bem (ORIENTADORA 12).*

*“Cursos de formação continuada são muito úteis nesse sentido; principalmente, quando são ministrados por pessoas experientes que conhecem o tema e como este se apresenta na realidade, com crianças na faixa etária atendida pelo CMEI. É importante também ressaltar a todos os orientadores que existe uma forma correta para o contato com a família em relação aos cuidados que devem ser tomados ao conversar sobre esse tipo de assunto” (ORIENTADORA 15).*

*“É muito importante que seja realizada formação para que se desenvolva um trabalho sobre orientação sexual, tanto para educadores, orientadoras, equipe pedagógica como para as famílias também. Ex: curso da Prof<sup>a</sup> Eliane Rose Maio, oferecido para as orientadoras. Além disso, desenvolver nos CMEI projetos, palestras relacionados ao tema. A capacitação das orientadoras deve ser a base para resolução de situações diárias que ocorrem no ambiente escolar envolvendo o tema sexualidade, com situações reais, explorando a atuação dos Conselhos, entidades, postos de saúde etc.” (ORIENTADORA 16).*

*“Os pais, a cada dia, são mais jovens e precisam ser mais esclarecidos. Outra situação que preocupa bastante são os tipos de famílias. A nossa escola, hoje, se tem mais um padrão de pai e de mãe, muitas vezes, a criança mora com os avós e com a mãe apenas. Geralmente essa mãe namora e traz o namorado para dentro de casa. Esse tipo de situação acaba diversificando o padrão já existente. Hoje, sabe-se que a sociedade apresenta vários tipos de famílias e a escola não sabe lidar com isso” (ORIENTADORA 18).*

*“É necessário que haja cursos de formação continuada com psicólogos, pediatras, conselheiros, trabalhar com os temas: masturbação infantil, pois os professores têm dificuldade em lidar com a criança quando a encontra na situação. De violência sexual, estupro. Como lidar com a criança, a família que sofreu esse tipo de violência? Os pais devem fazer parte desse trabalho, assim, não é só o orientador que deve ter formação, é necessário que aconteçam diálogos com os agentes que compõem a família também” (ORIENTADORA 19).*

*“São precisos mais cursos de formação com relação à sexualidade, com especialistas na área, pois quanto mais informações mais segurança para o professor ou orientadora para trabalhar o tema tanto com as crianças quanto com os pais. Também palestras para os pais com debates e orientações com exemplos de casos ocorridos, retomando sempre qual o papel da escola” (ORIENTADORA 20).*

*“São precisos encontros entre diversos setores da sociedade, pois o ambiente escolar é para ensinar e muitas coisas que surgem nos afazeres cotidianos são referentes à ausência de educação dos pais, sendo assim, vejo como importante a formação para os profissionais da educação, mas principalmente para os pais” (ORIENTADORA 21).*

*“A escola, a cada dia, vem recebendo vários tipos de atribuições que não apresenta profissionais adequados para responder por muitas situações que vão além do currículo apresentado na Pedagogia. Diante disso, sugiro que haja quinzenalmente reunião nos CMEI sobre esse tema para quebrar algumas barreiras, principalmente com os pais” (ORIENTADORA 22).*

*“Indicação de materiais, palestras tratando do processo natural de descoberta do corpo, necessidades em se tocar, ver o corpo do outro, que a criança manifesta. São assuntos que precisam ser de conhecimento de todos que estão nessa função, As vezes passamos por situações e não sabemos que isso, ou aquilo faz parte da vida da criança” (ORIENTADORA 23).*

*“Capacitação com esses profissionais sobre esse assunto “sexualidade”, dar exemplos de acontecimentos que ocorreram em outros CMEI e escolas com os alunos, que necessitam de um olhar direcionado e planejamento de conteúdos referente ao assunto, com embasamento teórico. Tirar dos profissionais esse medo de falar sobre a sexualidade com alunos, pais ou em ambiente público”*

(ORIENTADORA 23).

*“As formações são importantes na aquisição de novos conhecimentos. Se pudesse contar com uma equipe multidisciplinar, dentro da Secretaria de Educação, preparada para atender às questões pertinentes à sexualidade e que também pudesse oferecer conhecimento às orientadoras, seria interessante”* (ORIENTADORA 24).

*Palestras com professores, médicos, pesquisadores da área.* (ORIENTADORA 31).

*Promover palestras e debates relacionados ao tema sexualidade, para que o orientador educacional tenha uma boa formação para resolver estes problemas no seu trabalho* (ORIENTADORA 32).

*“Que se sugira ao Ministério da Educação (MEC) a inclusão na grade curricular da licenciatura em Pedagogia a disciplina de Pedagogia da sexualidade, pois o cotidiano da equipe pedagógica acaba sendo totalmente diferente do que se aprende na licenciatura. Outra sugestão é que haja reuniões com membros da Associação de Pais, Mestres e Funcionários (APMF) e palestras sobre esse assunto tão importante na vida das crianças”* (ORIENTADORA 25).

*“Na formação inicial na Pedagogia, infelizmente, nem a parte teórica foi dada referente a esse tema tão presente nas salas de aula. Assim, não há como não sentir receio de trabalhar essa temática, mas, de fato, é de extrema importância capacitar as orientadoras sobre essa área, até porque os pais também possuem muitos tabus e essa questão da sexualidade aparece sempre na convivência e no espaço escolar”* (ORIENTADORA 08).

*“Esse tema sexualidade apresenta muitos tabus. É preciso que os professores compreendam sua própria sexualidade, principalmente, para lidar e orientar, pais, professores e os alunos. É necessário embasamento teórico, formação o que, infelizmente o professor orientador não tem”* (ORIENTADORA 10).

Sobre a colocação da Orientadora 15, é possível retomar a hipótese apresentada no trabalho de que a formação continuada pode auxiliar na capacidade dos profissionais em reconhecer as questões de sexualidade que surgem na escola e ainda resolvê-la de forma adequada. A Orientadora 16 vai além e sugere exemplos de cursos, fala da importância de se discutir conteúdos para ações de formação

continuada sobre sexualidade, visando capacitar as orientadoras educacionais em relação aos “casos” de violência sexual, de maneira interdisciplinar.

A Orientadora 17 discorreu também sobre o curso: “gênero e sexualidade no espaço educativo”, dizendo ser este “excelente” e que deveria ser estendido para mais pessoas na educação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se afirmar, por meio do resultado da pesquisa, que grande parte das profissionais entrevistadas concorda que é necessária uma capacitação interdisciplinar específica sobre o tema, por meio de um processo de formação continuada, envolvendo os diversos setores da sociedade.

Deste modo, como pode ser observado, é preciso definir algumas estratégias de formação para as ações de sexualidade que ocorrem no ambiente escolar.

Os relatos das profissionais que estão na função de orientadora educacional mostram que é necessário desenvolver um conjunto de formações com especialistas na área, envolvendo diversos setores da sociedade, bem como a participação da equipe multidisciplinar para contribuir com novas premissas referentes à sexualidade, embasando-se em acontecimentos que ocorreram em outros CMEI, como subsídios para a resolução de situações diárias, pois, através dos relatos evidencia-se que não possuem formação específica nesse sentido se faz essencial um programa de formação continuada.

Várias foram às propostas de formação apresentadas e sugeridas no decorrer de 2011 e 2012. Dentre elas, o diálogo com a Universidade Estadual de Maringá, por meio da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Rose Maio, com um curso de gênero e sexualidade para as orientadoras de CMEI e escolas da Rede.

Outro ponto mencionado várias vezes foi necessidade de levar informação também para a família, em específico, os pais. Além da sugestão de palestras que orientem qual a melhor forma de tratar o assunto com alunos e famílias, como pode ser observado nas afirmações das orientadoras 18, 19 e 20. A realidade dos casos de violência é algo que preocupa a pesquisadora, principalmente por ela ter sido membro da equipe que coordena os cursos de capacitação na Secretaria de

Educação enquanto Diretora de Ensino nos anos de 2011 e 2012. A sugestão de seminários, de indicação de materiais, sites e palestras várias vezes foram mencionados também nas argumentações das profissionais.

Em relação à equipe multidisciplinar, vale ressaltar que existe na Secretaria de Educação uma equipe de apoio multidisciplinar aos CMEI e escolas. Essa equipe conta com psicólogas, fonoaudiólogas, nutricionistas, pedagogas, psicopedagogas, supervisoras e orientadoras, além de profissionais de tecnologias educacionais para dar suporte às ocorrências diárias nos estabelecimentos de ensino que envolvem todo tipo de interferência, desde uma ação pedagógica, de aprendizagem, assim como atitudes referentes à violência de modo geral, porém não trabalham efetivamente as questões da sexualidade.

Observou-se também, conforme relato nas entrevistas, que a maior parte das orientadoras educacionais admite não estar amplamente capacitada para lidar com os problemas que ocorrem no ambiente educacional que envolva questões de sexualidade, cada vez mais presentes nesse espaço. Aliás, em alguns relatos se vê que nem elas conhecem de fato o que é sexualidade. Como pode ser observado nos depoimentos das orientadoras:

*“É necessário proporcionar cursos de” formação, orientando a forma de lidar com esses assuntos referentes à sexualidade, sem causar constrangimento tanto com a criança, com os pais, até mesmo com os membros da sociedade, pois às vezes, temos receio em tocar no assunto por não compreendermos bem (ORIENTADORA 12).*

*“Na formação inicial na Pedagogia, infelizmente, nem a parte teórica foi dada referente a esse tema tão presente nas salas de aula. Assim, não há como não sentir receio de trabalhar essa temática, mas, de fato, é de extrema importância capacitar as orientadoras sobre essa área, até porque os pais também possuem muitos tabus e essa questão da sexualidade aparece sempre na convivência e no espaço escolar” (ORIENTADORA 08).*

*“Esse tema sexualidade apresenta muitos tabus. É preciso que os professores compreendam sua própria sexualidade, principalmente, para lidar e orientar, pais, professores e os alunos. É necessário embasamento teórico, formação o que, infelizmente o professor orientador não tem” (ORIENTADORA 10).*

Nesse sentido, espera-se que comecem a pensar em grades curriculares nos cursos das diversas licenciaturas, mas principalmente no curso de Pedagogia. É importante que haja um trabalho envolvendo a disciplina Pedagogia da Sexualidade para contribuir para a formação básica dos educadores, proporcionando, deste modo, um outro olhar para a formação em relação à sexualidade.

## REFERÊNCIAS

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011, 7ª. Ed, p. 53-65.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Londrina: EDUEL, 2006.

PINO, A. **As marcas do humano**: Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo, SP: Cortez, 2005.

MAIO, Eliane Rose. In: PARANÁ- Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual. Secretária de Estado da Educação do Paraná – Versão preliminar. 2010.

NAGEL, Lizia Helena. **Para que servem os cursos de formação de professores?** Disponível em: <[www.diaadiaeducacao.pr.gov.br](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br)> Acesso em: 13 de novembro de 2013.

## **CAPÍTULO III**

### **3.1 Conclusão**

Este estudo foi de grande valia para a pesquisadora, tendo em vista as concepções percebidas no decorrer das análises e leituras realizadas. Dentre os vários aspectos observados, percebeu-se que a sexualidade está presente na vida de todo o sujeito e, dessa forma, a sexualidade no ambiente escolar precisa ser de fato tratada como inerente aos alunos.

Porém, a maior parte das orientadoras educacionais admite não estar amplamente capacitada para lidar com os problemas de sexualidade, cada vez mais presentes na escola.

O trabalho ainda vem fortalecer a ideia de se olhar com mais cuidado a questão da formação continuada, por meio da qual se pode dialogar, sobre os pressupostos da formação do professor, discutindo como assegurar um domínio adequado da ciência, da técnica e da arte da profissão docente, ou seja, refletir sobre a competência profissional. Atualmente, concebe-se essa formação voltada para o desenvolvimento de uma ação educativa capaz de preparar seus alunos para a compreensão e transformação positiva e crítica da sociedade em que vive.

O estudo, enfim, revelou que grande parte das profissionais entrevistadas concorda que são necessárias capacitações específicas sobre o tema, por meio de um processo de cursos, dinâmicas e outras estratégias.

Porém, os cursos de formação continuada devem propor novas metodologias de interação, formular as atividades proporcionando um conhecimento mútuo, principalmente em se tratando de sexualidade em que as informações são muitas e os equívocos da mesma forma.

Portanto, como já se afirmou, é preciso rever e reorganizar práticas pedagógicas para a formação interdisciplinar da orientadora educacional, envolvendo estudos de casos e revendo as atitudes.

Em síntese, a instituição escolar tem como função social propagar o conhecimento formal e científico estruturado ao longo da história. Mas não é só isso

há dificuldades para trabalhar as questões transversais, como as relacionadas ao tema sexualidade e suas manifestações. Assim, por meio dessa pesquisa concluiu-se ser necessário um programa de formação continuada sobre sexualidade para as orientadoras educacionais. Para, assim, suprir a falta de clareza, superar os tabus, vencer a timidez, respeitar a opção sexual de cada indivíduo com vistas à ampliação do conhecimento sobre tais questões, bem como um tratamento pedagógico mais crítico e reflexivo. Ressalta-se que a formação continuada capacitará às orientadoras educacionais com relação aos aspectos inerentes à sexualidade dos educandos, subsidiando-as para os “casos” de violência sexual, de forma interdisciplinar auxiliando o trabalho nos CMEI. E ainda possibilitando e vislumbrando novos caminhos e avanços no que tange ao trato da diversidade cultural, reconhecendo e lidando de maneira adequada com os problemas ligados com a sexualidade dentro do ambiente escolar.

### 3.2 Perspectivas Futuras

Ampliar essa discussão em Sarandi, onde a pesquisadora atua neste momento como Secretária de Educação, já tendo como premissa as informações dessa pesquisa para implantar no município acima citado formação docente para suprir a fragmentação do tema abordado na formação acadêmica dos orientadores.

Será possível também testar as descobertas com as profissionais da Rede, começando por definir regras mais específicas para a escolha da orientadora educacional que em seguida será instrumentalizada através de uma formação continuada com foco no conhecimento sobre o desenvolvimento da sexualidade na infância, prevenção e vulnerabilidade que contribuirá com o professor o desenvolvimento dessa temática nos Centros de Educação Infantil delineando ações de Formação Continuada Interdisciplinar em Sarandi, propondo também avaliações, bem como o controle destas iniciativas para a produção futura de conhecimentos em relação a discussão da sexualidade no espaço escolar da educação infantil.

E posteriormente, abordar essa temática para a primeira etapa do ensino fundamental.

### 3.3 Apêndices

#### 3.3.1 Apêndice A

<b>PESQUISA: SEXUALIDADE NA ESCOLA ÀS ORIENTADORAS EDUCACIONAIS E A FORMAÇÃO CONTINUADA INTERDISCIPLINAR</b>
--

INSTRUÇÃO INICIAL: Este é um questionário que visa compreender o nível de conhecimento de orientadoras educacionais sobre sexualidade e propor ações de formação continuada interdisciplinar para essas profissionais, que trabalham nos Centros de Educação Infantil da Rede Pública de Ensino de Maringá - 2012.

Informo que o seu anonimato será resguardado. Peço que leia cada uma das questões com atenção e responda a partir de sua primeira impressão. Desde já agradeço sua colaboração. E, se não se incomodar, deixem aqui seu nome e telefone, para que seja possível contatá-la caso haja necessidade de mais informações. Não é obrigatório.

Nome: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

<b>PERFIL DAS ORIENTADORAS EDUCACIONAIS</b>
---

#### 1 - Idade

- 18 a 20
- 20 a 30
- 30 a 40
- acima de 40 anos

#### 2 - Religião

- católica
- evangélica
- adventista
- outro: \_\_\_\_\_

#### 3 - Filhos

- nenhum
- um
- dois
- três
- mais que três \_\_\_\_\_

#### 4 - Formação

- 2º grau ( ) antigo magistério "formação de docentes" / ( ) antiga educação geral/ ensino médio ( ) outro \_\_\_\_\_
- superior, em que curso? \_\_\_\_\_
- pós-graduação, que área? \_\_\_\_\_
- mestrado, que curso? \_\_\_\_\_
- doutorado, que curso? \_\_\_\_\_

**5 - Tempo de atuação na Rede**

- um ano
- dois anos
- três anos
- mais que três anos. Quantos? \_\_\_\_\_

**ASPECTOS SOBRE SEXUALIDADE****6 - Entende que sua formação acadêmica capacitou você para trabalhar sobre o tema sexualidade no ambiente escolar?**

- sim
- não

**7 - Como Orientadora Educacional da Educação Infantil se sente preparada para tratar temas que envolvem a sexualidade?**

- sim
- não

**8 - Você considera necessário que o professor estude sobre sexualidade?**

- cabe ao professor implantar reflexões sobre a sexualidade.
- não é responsabilidade do professor, e sim de outro profissional especializado.

**9 - Considera que a sexualidade é um tema que exige uma abordagem transversal e que seja importante na grade curricular dos cursos de licenciatura?**

- sim
- não

**10 - Quando ocorre alguma situação que envolve a sexualidade você se intimidada no diálogo com os alunos, pais, conselhos e outros órgãos?**

- sim
- não

**11 - Quais as dimensões da sexualidade humana?**

- biológica
- psicológica
- social
- todas

**12 - Acredita que a pluralidade cultural influencia na relação professor e aluno no que diz respeito à sexualidade?**

- sim
- não

**13 - Concorda que uma reflexão sobre a formação inicial, cursos adicionais e a formação continuada pode capacitar o professor a administrar com excelência os problemas de violência sexual?**

- sim
- não

**14 – O que você entende sobre sexualidade?**

---

---

**15 – Cite, se houve algum exemplo de violência sexual, ou de ação que ocorreu no seu espaço de trabalho que envolveu a sexualidade.**

---

**16 - Tem alguma sugestão para a Secretaria de Educação em relação à formação do orientador educacional e do professor no tocante à sexualidade?**

---

---

**Agradecemos sua participação.**

### 3.3.2 APÊNDICE B

#### 3.4.1 Organização dos dados

##### 3.4.1.1 - Questões fechadas

Tabela 1 - Idade das orientadoras educacionais dos CMEI.

Idade	Qde	%
20 – 30	5	8,47%
30 – 40	19	32,20%
Acima de 40	35	59,32%
Total	59	100%

Tabela 1 - Idade das orientadoras educacionais dos CMEI.

Fonte: Confeção própria.

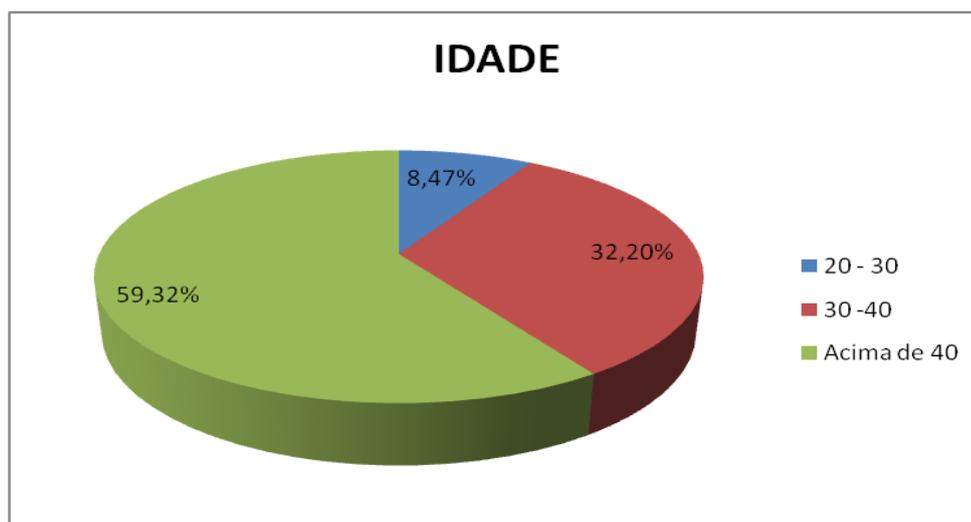


Gráfico 1 - Idade das orientadoras educacionais dos CMEI.

Fonte: Confeção própria.

Tabela 2 - Religião das orientadoras educacionais dos CMEI.

Religião	Qde	%
Católica	40	67,80%
Evangélica	17	28,81%
Adventista	2	3,39%
Total	59	100%

Fonte: Confeção própria.

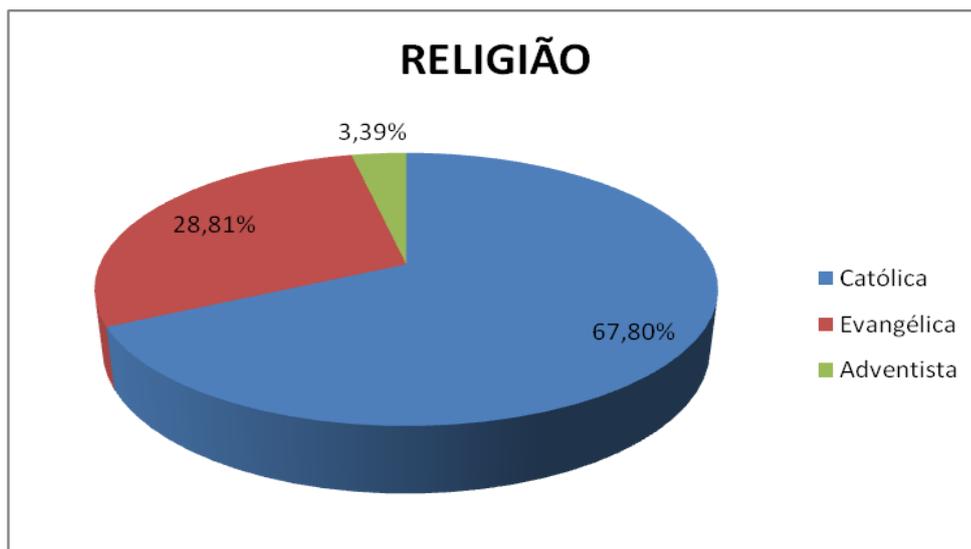


Gráfico 2 - Religião das orientadoras educacionais dos CMEI.  
Fonte: Confeção própria.

Tabela 3 - Quantidade de filhos das orientadoras educacionais dos CMEI.

Filhos	Qde	%
Nenhum	13	22,03%
Um	12	20,34%
Dois	28	47,46%
Três	5	8,47%
Quatro	1	1,69%
Total	59	100%

Fonte: Confeção própria.

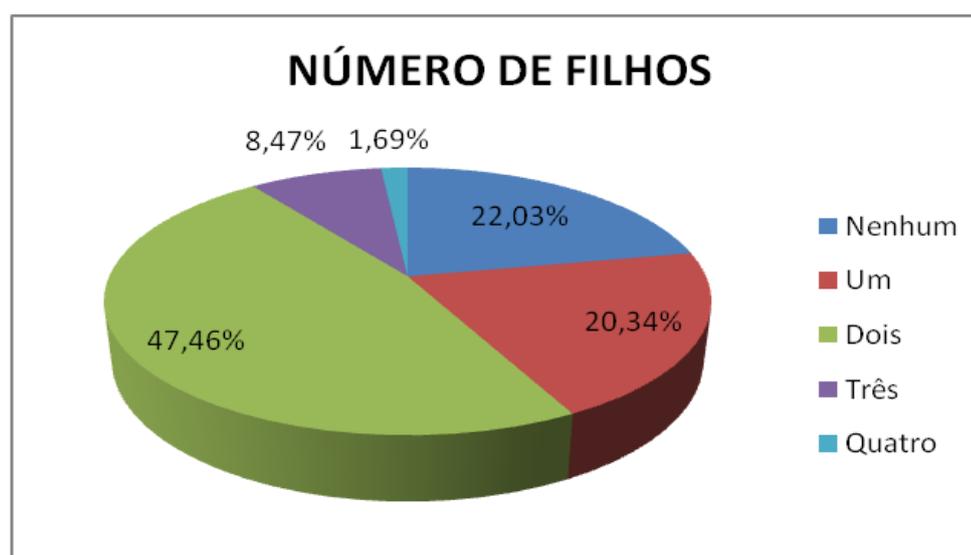


Gráfico 3 - Quantidade de filhos das orientadoras educacionais dos CMEI.  
Fonte: Confeção própria.

Tabela 4 - Formação de graduação das profissionais dos CMEI.

Formação	Qde	%
Pedagogia	44	74%
Ciências	2	2%
História	2	3%
Geografia	1	2%
Biologia	1	2%
Artes Visuais	2	3%
Letras	7	12%
Total	59	100,00%

Fonte: Confeção própria.

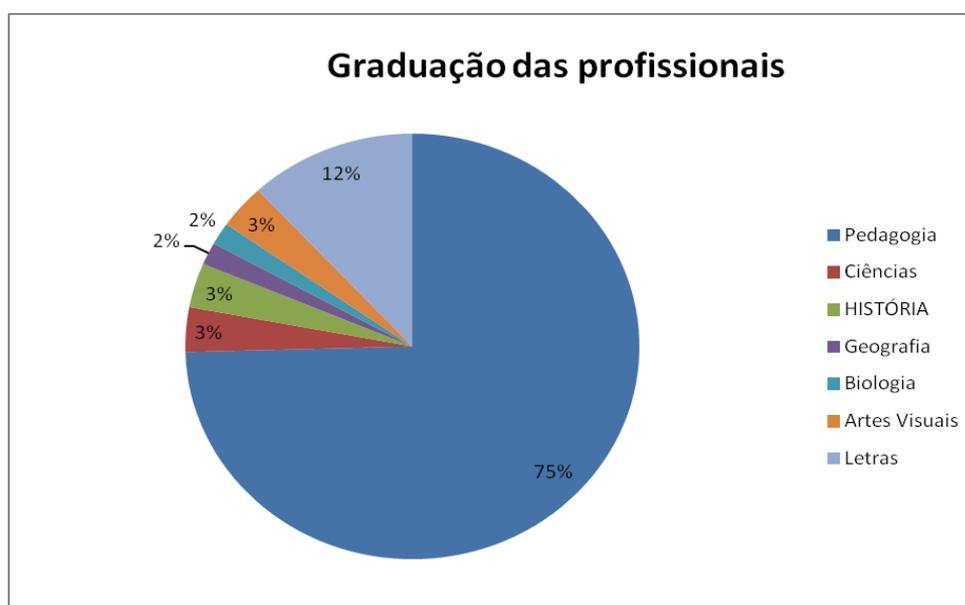


Gráfico 4 - Formação de graduação das profissionais de EI/CMEI.

Fonte: Confeção própria.

Tabela 5 - Especialização das profissionais dos CMEI.

Formação	Qde	%
Psicopedagogia	24	41%
Ambiente Educacional especializado AEE	3	5%
Educação à distância	1	
Administração escolar	6	10%
Gestão Educacional	14	24%
Arte e educação	2	3%
Neuropedagogia	4	7%
EJA	1	2%
Educação infantil	2	3%
Teoria Histórico Cultural	2	3%
Total	29	100%

Fonte: Confeção própria.

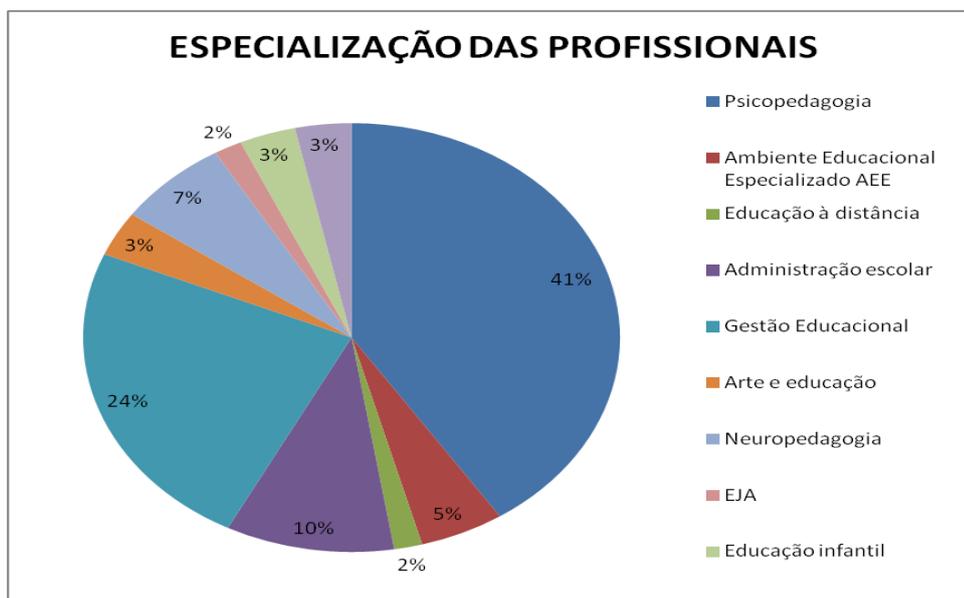


Gráfico 5 - Especialização das profissionais dos CMEI.  
Fonte: Confeção própria.

Tabela 6 - Tempo de atuação na rede.

Tempo de Atuação na Rede	Qde	%
3 a 10 anos	36	61%
11 a 20 anos	14	24%
21 a 30 anos	9	15%
Total	59	100%

Fonte: Confeção própria.



Gráfico 6 - Tempo de atuação na rede.

Fonte: Confeção própria.

Tabela 7 - Formação e a temática sexualidade.

Entende que sua formação acadêmica capacitou para trabalhar sobre o tema 'sexualidade' no ambiente escolar?	Qde	%
Sim	14	23,73%
Não	45	76,27%
Total	59	100,00%

Fonte: Confeção própria.

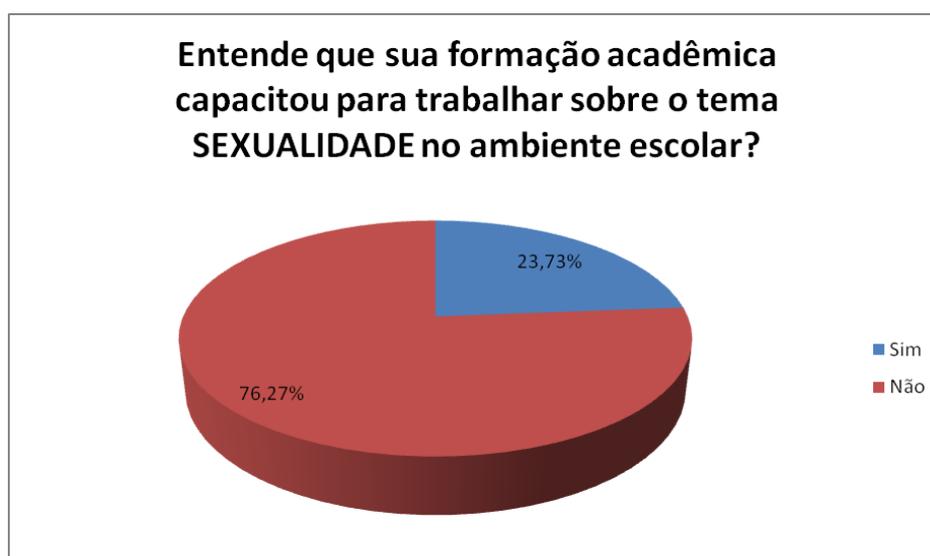


Gráfico 7 - Formação e a temática sexualidade.

Fonte: Confeção própria.

Tabela 8 - Preparação para lidar com temas da sexualidade no ambiente escolar.

Como orientadora Educacional da Educação Infantil se sente preparada para tratar temas que envolvam a sexualidade?	Qde	%
Sim	32	54,24%
Não	27	45,76%
Total	59	100,00%

Fonte: Confeção própria.

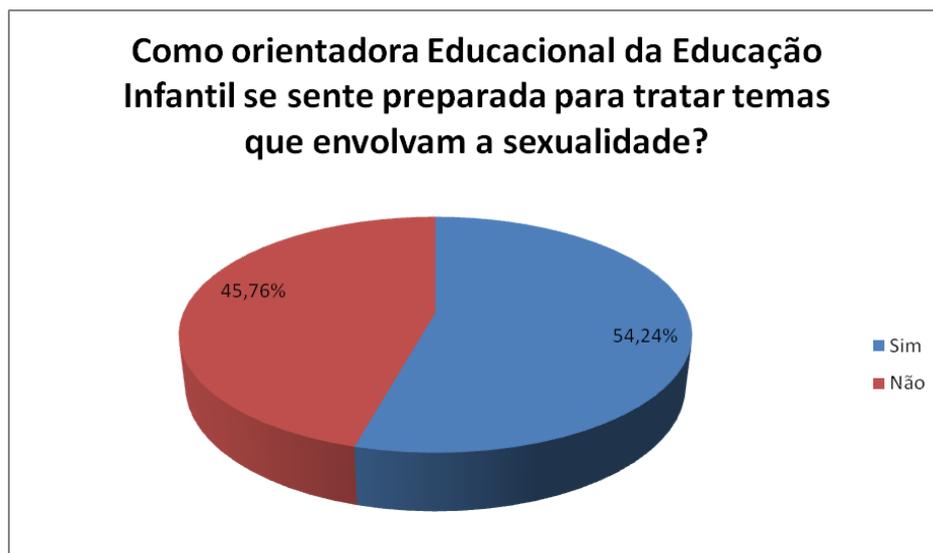


Gráfico 8 - Preparação para lidar com temas da sexualidade no ambiente escolar.  
Fonte: Confeção própria.

Tabela 9 - Estudo sobre a sexualidade.

Você considera necessário que o professor estude sobre a sexualidade	Qde	%
Cabe ao professor implantar reflexões sobre a sexualidade	54	91,53%
Não é responsabilidade do professor, e sim de outro profissional especializado	5	8,47%
Total	59	100,00%

Fonte: Confeção própria.

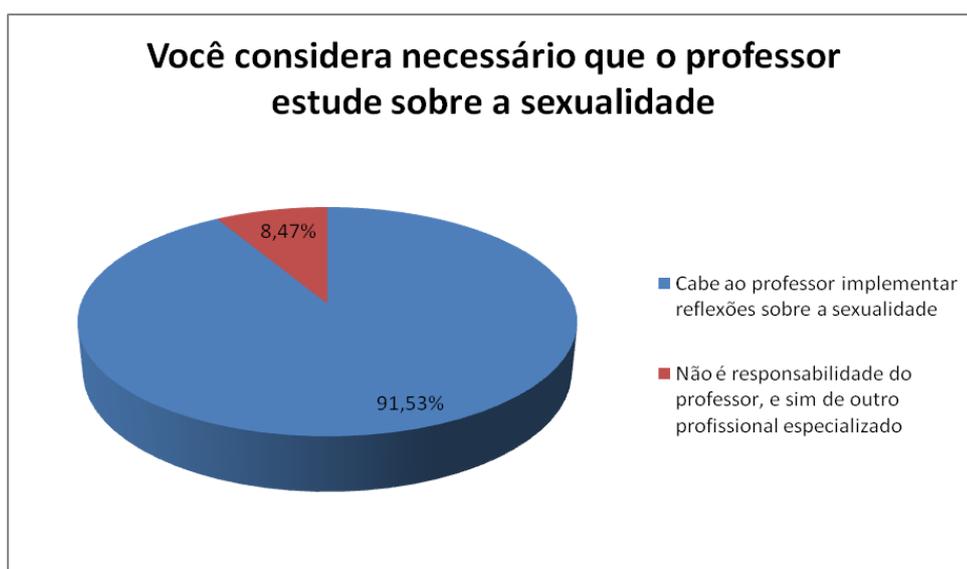


Gráfico 9 - Estudo sobre a sexualidade.  
Fonte: Confeção própria.

Tabela 10 - Disciplina de sexualidade nos cursos de licenciatura.

Considera que a sexualidade é um tema que exige uma abordagem transversal e que seja importante na grade curricular dos cursos de licenciatura?	Qde	%
Sim	59	100 %
Não	0	0,00%
Total	59	100 %

Fonte: Confeção própria.

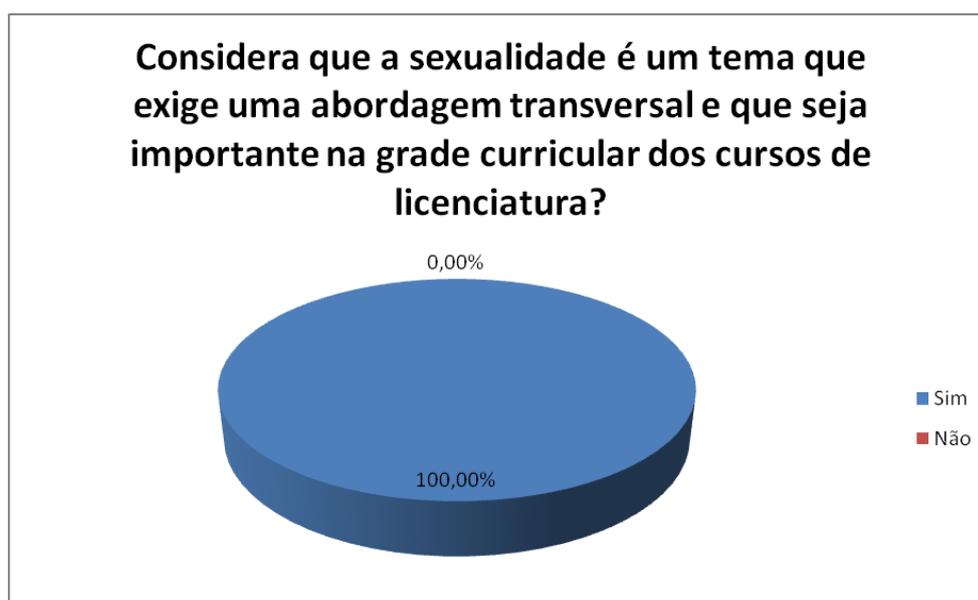


Gráfico 10 - Disciplina de sexualidade nos cursos de licenciatura.

Fonte: Confeção própria.

Tabela 11 - Ocorrência de situações que envolvam questões de sexualidade.

Quando ocorre alguma situação que envolve a sexualidade você se intimida no diálogo com os alunos, pais, conselhos e outros órgãos?	Qde	%
Sim	2	3,39%
Não	57	96,61%
Total	59	100%

Fonte: Confeção própria.

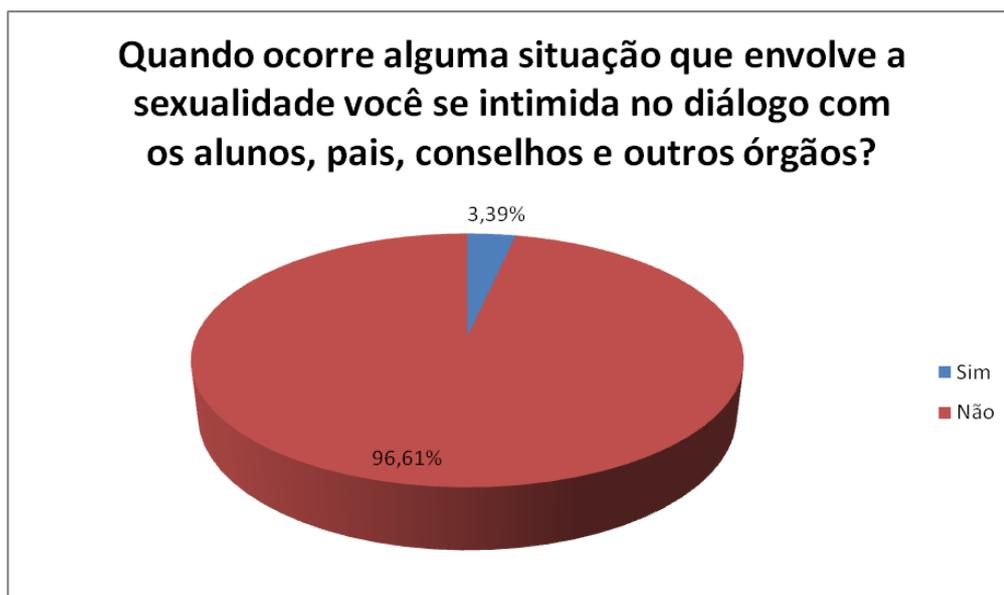


Gráfico 11 - Ocorrência de situações que envolvam questões de sexualidade.  
Fonte: Confeção própria.

Tabela 12 - Dimensões da Sexualidade Humana.

Quais as dimensões da sexualidade humana?	Qde	%
Biológica	0	0,00%
Psicológica	0	0,00%
Social	0	0,00%
Todas assinalaram todas as dimensões	59	100 %
Total	59	100%

Fonte: Confeção própria.

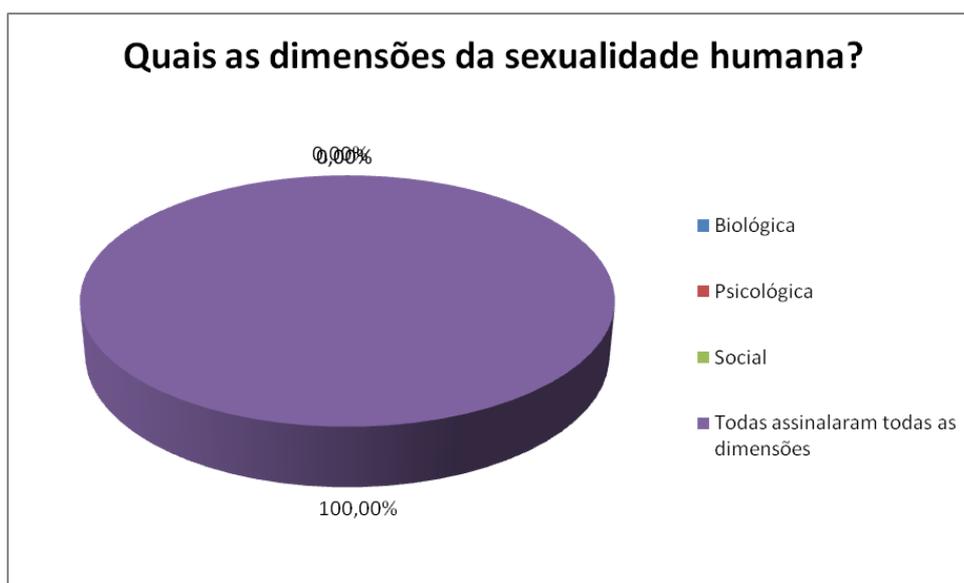


Gráfico 12 - Dimensões da Sexualidade Humana.  
Fonte: Confeção própria.

Tabela 13 - Pluralidade cultural e a sexualidade.

Acredita que a pluralidade cultural influencia na relação professor e aluno no que diz respeito à sexualidade?	Qde	%
Sim	56	94,92%
Não	3	5,08%
Total	59	100 %

Fonte: Confecção própria.



Gráfico 13 - Pluralidade cultural e a sexualidade.

Fonte: Confecção própria.

Tabela 14 - Formação em relação à temática sexualidade e a violência.

Concorda que uma reflexão sobre a formação inicial, cursos adicionais e a formação continuada pode capacitar o professor a administrar com excelência os problemas de violência sexual?	Qde	%
Sim	59	100%
Não	0	0,00%
Total	59	100%

Fonte: Confecção própria.

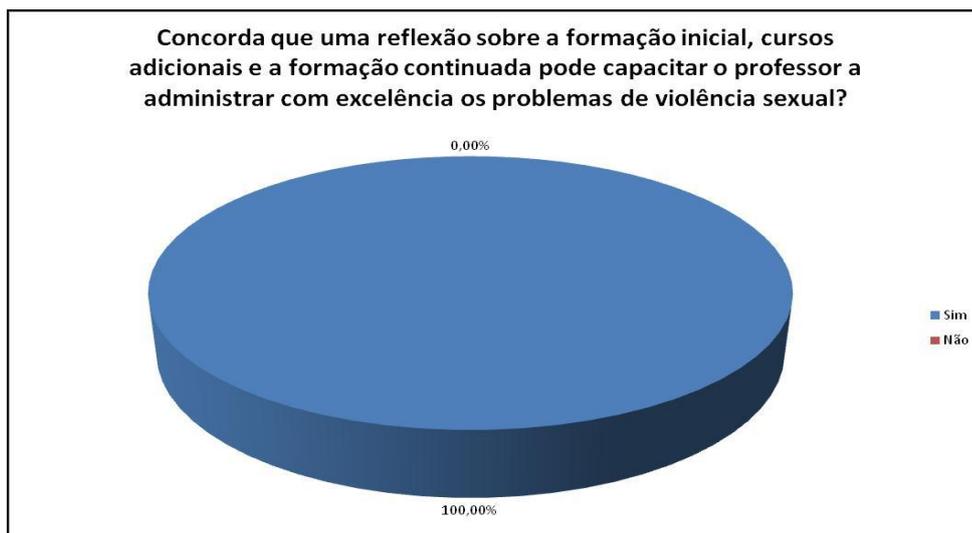


Gráfico 14 - Formação em relação à temática sexualidade e a violência sexual. Fonte: Confeção própria.

Palmieri, Adriana de Oliveira Chaves.

Sexualidade na Escola: as orientadoras educacionais e a formação continuada interdisciplinar  
Maringá, 2013.  
xx f.

Dissertação (Mestrado)- UniCesumar – Centro Universitário de Maringá.  
Área de concentração: Educação e Tecnologias na Promoção da Saúde.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Machado Velho.

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Rose Maio.

1. Sexualidade; 2. Formação interdisciplinar; 3. Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI); 4.  
Orientadoras Educacionais.